



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC**

**ALESSANDRO DE JESUS SANTANA**

**AS IDENTIDADES ÉTNICAS DOS MORADORES DA COMUNIDADE DO BOREL  
EM ITAGI-BA.**

**JEQUIÉ – BAHIA**

**2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC**

**ALESSANDRO DE JESUS SANTANA**

**AS IDENTIDADES ÉTNICAS DOS MORADORES DA COMUNIDADE DO BOREL  
EM ITAGI-BA.**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

**LINHA DE PESQUISA 1: ETNICIDADE,  
MEMÓRIA E EDUCAÇÃO**

**Orientadora:** Ana Angélica Leal Barbosa

**JEQUIÉ – BAHIA**

**2022**

S232i Santana, Alessandro de Jesus.

As identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel em Itagi-  
Ba / Alessandro de Jesus Santana.- Jequié, 2023.

123f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações  
Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Ana Angélica Leal  
Barbosa)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**AS IDENTIDADES ÉTNICAS DOS MORADORES DA COMUNIDADE DO BOREL  
EM ITAGI-BA.**

Autor: Alessandro de Jesus Santana

Orientadora: Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

**Aprovado em:** 12 de dezembro de 2022.

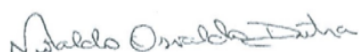
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa (UESB)  
Presidente da Banca/Orientadora



Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)  
Examinador Interno



Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra (UESB)  
Examinador Externo

**JEQUIÉ - BAHIA  
2022**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a realização deste trabalho primeiramente a Deus e também a minha esposa, Railane Santana Rodrigues e filhos, Jonatas Cainã Santos Santana e Esther Eloá Rodrigues Santana por sempre colaborar com apoio moral e incentivo, o que foi de fundamental importância para que eu continuasse buscando caminhar pelo conhecimento e na concretude dos objetivos. Mas não poderia deixar de reconhecer nesta dedicatória minha orientadora, a professora doutora, Ana Angélica Leal Barbosa que foi a base para a continuidade e avanço desta dissertação.

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio para a realização das atividades do PPGREC.**

Com frequência o êxito depende do esforço de várias pessoas cujos nomes não constam na capa ou nas primeiras páginas; com essa dissertação não é diferente. Assim, sou grato a todos os membros da Comunidade do Borel que contribuíram sobremaneira com o desenvolvimento e a concretização deste trabalho, aos membros da minha família, que tiveram paciência e abdicaram de certa atenção, ao meu colega de turma, Gilson Santos Minichilli Prates pelas inúmeras indicações de leituras, a minha orientadora, Ana Angélica Leal Barbosa que deu sustentação com seu valioso acompanhamento.

## A CARNE

A carne mais barata do mercado  
É a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
Se liga aí

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Só-só cego não vê)

Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
E vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Dizem por aí)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão  
O cabra que não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador eleito  
Mas muito bem intencionado

E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
Mas mesmo assim ainda guarda o direito

De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)

De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar  
Se liga aí

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)

Negra, negra  
Carne negra  
É mano, pode acreditar  
A carne negra.

*A carne. Intérprete: Elza Soares. Compositores: Marcelo Yuka; Seu Jorge; Ulisses Cappelletti. In: Do cóccix até o pescoço. Maianga Discos, 2002. 1 CD, faixa 6.*



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 .....	44
Tabela 2 .....	46

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 .....	57
Figura 2 .....	58
Figura 3 .....	58
Figura 4 .....	59
Figura 5 .....	62
Figura 6 .....	63
Figura 7 .....	63
Figura 8 .....	64
Figura 9 .....	65
Figura 10 .....	66

## RESUMO

O estudo foi realizado em uma comunidade de zona rural conhecida como Borel, que fica a cerca de oito quilômetros da sede do município de Itagi-BA, sendo composta por um grupo familiar de negros e negras estigmatizadas por pessoas do entorno e da zona urbana. Ao longo dos anos mantém uma forma de vida peculiar no que se refere ao jeito de se portar enquanto coletivo e nos relacionamentos conjugais, onde preservam casamentos entre parentes, principalmente primos. Isso vem gerando há décadas muitas curiosidades nos moradores da cidade, que por vezes fantasiam histórias a respeito dos mesmos, criando desta forma uma série de mitos e termos pejorativos relacionados aos membros do local. A questão norteadora foi saber como ocorrem as identidades étnicas dos membros dessa comunidade? E o objetivo foi investigar o formulado como problema, tendo como específicos, analisar as fronteiras e identificar as identidades étnicas dos participantes do estudo. Justificamos a presente pesquisa, pois, investigando e falando sobre construção da identidade étnica podemos colaborar para tentar dirimir os efeitos negativos da interpretação histórica sobre a comunidade e seus membros, e proporcionar o fortalecimento da etnicidade, das relações e da pertença. Os descritores e expressões utilizados durante as buscas nas bases de dados foram: identidade étnica, grupos étnicos, relações étnicas, remanescentes de quilombo e quilombo contemporâneo. A pesquisa norteou-se na abordagem hermenêutica, proporcionando uma análise a cerca das relações e fronteiras étnicas que perpassam a realidade dos moradores. No trabalho adotou-se uma abordagem qualitativa fundamentado no método da História Oral e quanto aos procedimentos caracterizou-se como Pesquisa de Campo, utilizando entrevistas semiestruturadas e observações. Participaram como amostragem quatro pessoas pertencentes à comunidade do Borel. Assim, os resultados do estudo, respondendo ao problema, nos aponta, e assim consideramos que a origem familiar, o território, o sentimento de unidade e a religiosidade vivenciada no dia a dia são os pontos centrais na construção da identidade étnica entre os moradores da comunidade.

**Palavras-chave:** Identidade étnica. Grupos étnicos e Relações étnicas.

## **ABSTRACT**

The study was carried out in a rural community known as Borel, which is about eight kilometers from the seat of the municipality of Itagi-BA, and is composed of a family group of black men and women stigmatized by people from the surrounding area and from the urban area. Over the years, it maintains a peculiar way of life in terms of the way it behaves as a collective and in marital relationships, where it preserves marriages between relatives, mainly cousins. This has been generating for decades many curiosities in the city's residents, who sometimes fantasize stories about them, thus creating a series of myths and pejorative terms related to the local members. The guiding question was to know how do the ethnic identities of the members of this community occur? And the objective was to investigate what was formulated as a problem, having as specifics, to analyze the borders and identify the ethnic identities of the study participants. We justify this research because, investigating and talking about the construction of ethnic identity, we can collaborate to try to resolve the negative effects of historical interpretation on the community and its members, and provide the strengthening of ethnicity, relationships and belonging. The descriptors and expressions used during searches in the databases were: ethnic identity, ethnic groups, ethnic relations, remnants of quilombo and contemporary quilombo. The research was guided by the hermeneutic approach, providing an analysis about the relations and ethnic borders that permeate the reality of the residents. The work adopted a qualitative approach based on the Oral History method and as for the procedures, it was characterized as Field Research, using semi-structured interviews and observations. Four people from the Borel community participated as a sample. Thus, the results of the study, responding to the problem, point us out, and thus we consider that the family origin, the territory, the feeling of unity and the religiosity experienced on a daily basis are the central points in the construction of ethnic identity among the residents of the community.

**Key words:** Ethnic identity. Ethnic groups and Ethnic relations

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERTURA</b>	
1.1 Contexto da revisão .....	20
1.2 Identidade étnica .....	21
1.3 Grupo étnico .....	24
1.4 Relações étnicas .....	25
1.5 Quilombo contemporâneo .....	26
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO</b>	
2.1 O caminhar teórico metodológico para o desvelar do estudo .....	31
2.2 O método e a entrevista .....	37
2.3 A observação na comunidade do Borel .....	41
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS</b>	
3.1 Contextos e participantes da pesquisa .....	47
3.2 Etapas da coleta de dados .....	48
3.3 Procedimentos de transcrição e análise de dados .....	48
3.4 Resultados e discussões .....	50
<b>CAPÍTULO IV – COMUNIDADE RURAL DE AFRODESCENDENTES</b>	
4.1 O Borel enquanto grupo étnico .....	70
4.2 A compreensão identitária na comunidade do Borel .....	81
4.3 O Borel: Identidade e reconhecimento .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	98
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	101
<b>ANEXO</b> .....	108
<b>APÊNDICE</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

A comunidade do Borel fica localizada na zona rural do município de Itagi - BA, ao norte, próximo a uma região conhecida como Pau Brasil, cerca de 8 km da zona urbana. Atualmente é composta por oito famílias, derivadas de um único laço parental, sendo um lugar de difícil acesso, com estradas vicinais recentes e sem manutenção, possível de se chegar apenas a cavalo, a pé ou de moto, principalmente por pessoas com muita habilidade em péssimas estradas, criando sérias dificuldades de deslocamentos aos moradores da localidade.

O Borel é composta por pessoas pretas e são vistos pelos moradores da zona urbana como sendo possivelmente remanescentes quilombolas. Na contemporaneidade o termo quilombo consiste em um grupo que desenvolve práticas cotidianas na manutenção e na reprodução de seus modos de vida e na consolidação de território próprio (MOURA, 2012). Sendo necessária uma análise mais aprofundada para sua comprovação. Já houve inclusive uma tentativa de reconhecimento por parte de algumas pessoas, representantes da gestão municipal em 2013, perante uma solicitação de apoio à Fundação Palmares, que é um órgão vinculado ao Ministério da Cidadania, onde não obtiveram resposta do órgão. Esta solicitação foi encabeçada tendo a vice- prefeita da época, Idália Freire Pita Brandão como principal postulante, junto com alguns representantes da cultura local e estudantes de especialização da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Os moradores do local da pesquisa sobrevivem da agricultura familiar em seus pequenos lotes de terras, valendo-se de ferramentas e conhecimentos dos seus ancestrais. Em função do isolamento e da falta de assistência, os moradores da comunidade do Borel, em pleno século XXI são alvos de permanentes problemas sociais, ficando vulneráveis em áreas cruciais como: educação, cultura e saúde, o que enfraquece tanto as identidades étnicas, quanto suas relações. E nesse aspecto, sendo ela um lugar tido como de remanescentes de quilombolas ou não, mas por ser composta por pessoas pretas, carrega todos os traços e consequências da escravidão que durou mais de três séculos em nosso país. Consoante, expondo algumas informações sobre a condição dos negros, coloca:

[...] é importante ressaltar que o comércio de escravos durou centenas de anos introduzindo inúmeros grupos étnicos ao longo desse tempo por todo território. Com eles também chegaram diferentes formas de ser, de sentir, de acreditar, de produzir a sobrevivência. Mão de obra de escravos expropriados da sua condição de pessoas, de seus modos de ser e sentir, não obstante esta condição, de alguma forma também se fizeram presentes em nossa formação. Nós somos, assim, um país formado por um grande contingente africano, muito embora apesar dessa presença, sejamos um país racista e preconceituoso, sobretudo em relação aos negros e afrodescendentes (CONSORTE, 2019, p.22).

Percebemos com o auxílio de Consorte, que pessoas negras ao chegarem no Brasil, foram escravizadas e essa escravidão gerou consequências, inclusive na sua formação enquanto unidade, ocorrendo ainda nos dias atuais a existência da marginalização sobre os pretos e pretas por meio do racismo<sup>1</sup> e preconceito. Somando-se a isto, o fato dos membros do Borel apresentarem características coletivas diferenciadas, como tronco familiar e marcadores afro-brasileiros, assim surgiu a ideia de investigar a referida comunidade, e para tanto, elaboramos a questão norteadora desta pesquisa: Como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade? E com isso, buscar contribuições teóricas que possam corroborar para estudos posteriores sobre o fortalecimento das fronteiras étnicas, avanço na identificação de aspectos positivos do reconhecimento e da pertença, e também das diferenças étnicas dentro de um mesmo grupo.

O trabalho apresenta como objetivo geral investigar como ocorrem as identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel e como objetivos específicos analisar as fronteiras étnicas e identificar as identidades étnicas dos participantes do estudo. Como pressupostos, afirmamos inicialmente que as identidades dos mesmos decorrem do convívio familiar, e das diferenças culturais que foram ocorrendo ao longo da existência do grupo.

Na presente elaboração analisamos algumas facetas da história da Comunidade do Borel, mas de uma forma mais precisa a construção das identidades étnicas de seus moradores.

---

<sup>1</sup> Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, p.32).

Ao narrarmos facetas da história tanto da comunidade quanto dos seus membros, precisamente a construção e formação da identidade étnica, se fez necessário, primeiramente nos remetermos à busca de informações sobre os primeiros moradores ou desbravadores da localidade a partir dos quais a comunidade se constituiu. E adiantamos que, do ponto de vista histórico, falar do surgimento da comunidade talvez seja contar e recontar, não só a história da comunidade, mas também do próprio município, que tem como verdade até os dias atuais uma versão dita por representantes da elite intelectual e política local de que todo o processo de desbravamento e colonização da região tenha se dado, segundo o site institucional da Prefeitura Municipal de Itagi, publicado em 2019, da seguinte forma:

No século XIX, emigrou para Itagi um senhor chamado Apolinário Libório Gomes natural do município de Maracás. Quando emigrou para o lugar que hoje chama Itagi, morava no Km4 (município de Jequié). Ao chegar aqui, encontrou muita água e terras férteis. Não tendo recursos financeiros morou debaixo de uma pedra na região conhecida hoje como Frebonia. Alimentava-se de caças e frutas nativas. Percebendo que a região era de frutos retornou à região da caatinga (Jequié) para buscar a esposa e seus filhos. Um deles, Bartolomeu Gomes Marciel, fez algumas roças na região Frebonia. Tempos depois, Apolinário veio a falecer e Bartolomeu deu origem à família Lameu (apelido este devido ao seu nome Bartolomeu).

Nos fins do século XIX, num lugar chamado “Carro Quebrado” (hoje km 4), atualmente fazendo parte do município de Jequié morava um homem cinquentenário, de nome Apolinário Gomes, tipo sertanejo, encurvado para frente, rosto curtido pelo sol e forma oval, cabelos ruivos e hábitos constantes de usar chapéu de couro. Apolinário Libório Gomes foi o primeiro desbravador do rio das Pedras, que mais tarde se conheceria como Itagi. 20 anos depois.

Apolinário sentiu saudades e vontade de rever as terras que ele desbravou adotando nome daquele riacho. Aqui chegando, encontrou tudo mudado – rústicas estradas, algumas palhoças habitadas por gente desconhecida e muitas roças de mandiocas. Visando a sua propriedade que ainda o esperava, existia uma fazenda de nome Jatobá e vizinho a esta, a fazenda Itagi – antigo Rio das Pedras – dando origem à sede do atual município. Depois de vários donos a Fazenda Rio das Pedras foi adquirida pela Firma Comercial Magalhães & Cia, já com a denominação de Itagi; nome dado por Teodoro Sampaio. Anos depois a Fazenda Itagi foi elevada à categoria de Vila, pertencendo ao município de Jequié.

Cabe salientar que não se encontra nenhum registro documental ou científico que aponte para a veracidade das informações relatadas sobre a história dos desbravadores iniciais do município de Itagi. Mas o que se escuta em vários cantos da cidade é que existe um povo da zona rural que são quilombolas. E esse povo ao qual se referem como quilombolas são exatamente os moradores da comunidade do Borel. É como se já estivesse no inconsciente popular, que eles estão ali desde



sempre, e que chegaram ao município de Itagi fugidos de alguma fazenda ainda no período do escravismo que se findou com a Lei Áurea em 1888 ou logo após este evento.

Esse trabalho acaba sendo um instrumento que traz como narrativa detectada no processo de construção, a possibilidade dos primeiros moradores da comunidade do Borel terem chegado à região como escravos fugidos no período da escravidão, ou no mínimo logo após a extinção legal desta prática, que de certa forma seria então, o que chamaríamos de segunda versão da história do surgimento do município, só que dessa vez numa perspectiva negra, ou seja, teríamos que repensar a história que sempre foi propagada pela elite intelectual e política, e desta vez colocando como central, ou no campo da possibilidade, uma segunda versão.

Uma das moradoras mais antiga do Borel (Dona Balbina) relatou em uma conversa informal que os pais dela diziam ter vindo do norte e que chegou às terras que se configura como município de Itagi na atualidade, onde percorreu todos os cantos da localidade, até se instalarem na região que hoje é conhecida como Borel. No relato, continua dizendo que sua irmã, que morreu com mais de 100 anos de idade, sem saber precisar o dia e ano do nascimento, pois tiraram documentos já na fase adulta, chegou a região do Borel ainda criancinha e que nasceu durante as andanças dos pais e um tio pelas matas da região, até se instalarem no local, campo de nosso estudo.

Ao dizer que os pais vieram do norte e não sabendo identificar se é o norte da Bahia ou do Brasil, deixa uma lacuna importante, não para descartar a possibilidade dos primeiros moradores de serem fugitivos de alguma propriedade, mas para no campo da reflexão e do dar sentido à história contada, afirmar que podem ter vindo do norte da Bahia, ou entrando no estado, vindo ou de Sergipe, Alagoas ou Pernambuco, que inclusive, foram nesses dois últimos uma das maiores incidências quantitativas de pessoas pretas que fugiram para as matas, formando quilombos como o de Palmares, antes pertencente às terras de Pernambuco e hoje Alagoas, sendo essas localidades também pontos de onde muitos negros e negras fugiram por conta dos ataques planejados do governo da época, se espalhando para diversas regiões do nordeste.

É de fundamental importância relatar esses pormenores de como a comunidade surgiu, por entender estar talvez diretamente ligada não só a história do surgimento do próprio município, quanto na construção da identidade étnica dos moradores da localidade, pois assim passa a existir a possibilidade dos moradores do Borel serem remanescentes quilombolas.

Outro ponto relevante é o fato de ter chegado à região, quatro pessoas, uma mulher, dois homens e uma criança (menina), informação relatada pela moradora com mais idade da comunidade, e ser a partir dessas pessoas que se deu o crescimento demográfico da localidade, o que aponta para prática de relações sexuais entre parentes. Sendo similar às postulações de Clóvis Moura, escrevendo sobre a sociologia do negro brasileiro e relatando as circunstâncias e existência de poligâmias e poliandrias<sup>2</sup> na dinâmica das relações sexuais no Quilombo dos Palmares, quando diz, “Calcula-se que para cada mulher havia três ou mais homens, com variações regionais. Este fato irá refletir na composição, por sexos, da população palmarina, com desequilíbrios evidentes na organização familiar” (MOURA, 1988, p. 174). Reforçando ainda mais o nosso desejo de compreender como se dá a identidade dos moradores diante de toda essa carga histórica e de proximidade relacional de corpos.

O que gera estigmatização aos pertencentes da comunidade do Borel por moradores da zona urbana, é a existência da possibilidade de serem remanescentes quilombolas, por serem negros e pela prática de relações conjugais parentais. Justificando a pesquisa, que investigando e falando sobre construção da identidade étnica podemos colaborar para tentar dirimir os efeitos negativos da interpretação história sobre a comunidade e seus membros e proporcionar o fortalecimento da etnicidade, das relações étnicas e da pertença.

O tema e a questão que norteia este estudo nos remetem a uma reflexão maior e não apenas referente à identidade étnica, mas também histórica da comunidade, que pelas suas complexidades, só poderão ser de fato elucidadas com uma abordagem, até certo sentido interdisciplinar e direcionadas para as demandas específicas, tanto históricas, quanto social. É necessário evidenciar esse aspecto,

---

<sup>2</sup> Regime, observado em sociedades matrilineares, no qual diversos homens, em geral irmãos ou primos, participam da posse de uma mesma mulher (DICIO – Dicionário Online de Português/ <https://www.dicio.com.br/> Acessado em: 10 de Agosto. 2022)

pois, como nos aponta Morin (2000, p.12), “[...] a história deve ser concebida em toda a sua riqueza multidimensional, porque ela não é apenas constituída por acontecimentos, crises, bifurcações, mas também por mentalidades, processos econômicos e costumes”. Carecendo ser pensado e estudado por profissionais de diversas áreas.

O interesse em estudar o Borel em seus aspectos de identidade étnica se deu inicialmente com a possibilidade de ingressar como aluno regular no Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e logo após o êxito na seleção para admissão no curso, veio lembranças da infância de situações que meus pais contavam sobre um povo de zona rural que tinham comportamentos diferentes ao acessar a cidade em dias de feira, aonde chegavam todos enfileirados e de cabeças baixas.

Mais recentemente, já como professor da Rede Estadual de Educação, tive a oportunidade de ter como aluno do ensino fundamental, três jovens moradores do Borel e pude perceber que os mesmos tinham grandes dificuldades de comparecer as aulas e quando vinham enfrentavam problemas no acompanhamento dos conteúdos trabalhados. Além de serem os moradores da localidade sempre mencionados em rodas de conversas como quilombolas do Borel.

Ao pensar sobre os prováveis temas para o desenvolvimento da dissertação no programa, só vinha à mente o interesse de ser relacionado a essa comunidade. A aproximação tanto do local de estudo quanto dos seus moradores se deram com a intenção de investigar algo relacionado a identidade étnica.

No mais, prosseguimos aqui com o foco do estudo sobre identidades dos moradores da comunidade do Borel no município de Itagi, para tanto, organizamos nosso trabalho em quatro capítulos: Revisão de Literatura, Referencial Teórico Metodológico, Análise dos Dados e Comunidade Rural de Afrodescendentes<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Família simbólica apontada por Regiane Augusto Mattos. “Os africanos fizeram dos “irmãos”, isto é, os componentes das mesmas irmandades, os seus “parentes de nação” construindo uma família simbólica. Alguns africanos conseguiram preservar o contato com os seus “malungos” (companheiro de viagem no navio negreiro)” (MATOS, 2012, p. 216).

## CAÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

### 1.1 Contexto da revisão

A presente revisão leva em consideração não os aspectos cronológicos do que existe na literatura referente aos assuntos abordados por essa pesquisa, mas se fundamenta em trabalhos correlacionados e que abarque as categorias expostas na presente construção, não apresentando dimensões rígidas para ser observadas ou seguidas, tendo uma perspectiva mais livre tanto nas buscas de material de apoio, quanto na própria elaboração do presente texto. Os trabalhos de revisão são definidos como:

[...] estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (NORONHA E FERNANDO, 2000, p.191).

A revisão de literatura trata-se de um tipo de texto que reúne e discute informações produzidas na área de estudo (MOREIRA, 2004). E o presente constructo se coloca como uma revisão mais básica, ou de base. Para Figueiredo (1990, p. 132), sobre revisão de literatura de base, diz ser: "aquelas que servem de apoio, para as pesquisas científicas e são desenvolvidas como suporte ao referencial teórico de monografias, dissertações, teses e outros textos científicos". Nesse sentido, nossa tentativa é apresentar conhecimentos relacionados aos elementos chaves definimos como descritores do presente estudo.

Para o desenvolvimento deste trabalho sobre identidades étnicas na comunidade do Borel foram realizadas buscas de literaturas científicas, especialmente artigos nas bases de dados do Scielo, Google Acadêmico e trabalhos em diversos portais de periódicos, além de livros sobre a temática. Os descritores e expressões utilizados durante as buscas de dados foram: identidade étnica, grupos étnicos, relações étnicas, remanescentes de quilombo e quilombos contemporâneos. As leituras realizadas na revisão literária culminaram em fichamentos e posteriormente utilizadas não só neste capítulo, mas em todos os outros. Sendo este espaço uma condição para trazer algumas conceituações escolhidas nas discussões e reflexões.

## 1.2 Identidade étnica

O que está no bojo das discussões aqui apresentadas é a identidade étnica na formação cultural, assim como as diferenças de costumes e crenças na comunidade do Borel. Daí o nosso interesse em começar a revisão de literatura do estudo falando das categorias que fundamentaram as nossas discussões a cerca da questão que norteia a pesquisa, e que se volta essencialmente em torno das identidades étnicas, grupos étnicos e relações étnicas.

A partir dessa perspectiva utilizamos um apoio teórico no eixo etnicidade-identidade que concebe a identidade como algo construído na relação com o “outro”, tendo estreita relação com forças de poder e representação. Assim, a análise das categorias da nossa pesquisa encontra-se apoiada, preponderantemente, na teoria da etnicidade relacional e em estudos sobre identidade étnico-cultural a partir de autores como Barth (1969) Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011), Oliveira (2000), De Santana (2017), Munanga (1994), Silva (2014) e outros, que aparecerão, junto com esses em todo o texto.

Oliveira (2004, p.57), escrevendo sobre como é ser negro no Brasil, vai dizer que;

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, está relacionado com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais, raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura.

Silva (2014) vai dizer que identidade está ligada a sistemas de representação e tem estreitas conexões com relações de poder. Munanga, ao falar sobre identidade, destaca que:

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio (MUNANGA 1994, p. 177).

A identidade, nesse sentido passa a ser uma conscientização de como agir e se posicionar diante das construções, tanto grupal, quanto intergrupal, e que faz parte de todas as relações, o que equivale selecionar alguns aspectos para a identificação, sendo esses os marcadores de diferenciação. Assim, o conceito de identidade é entendido como um conjunto de aspectos individuais e coletivos que

caracterizam uma pessoa ou grupo específico, constituído a partir das interações sociais, e isso se fez evidente em nosso estudo sobre as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel.

Cabe salientar que a premissa aqui apresentada não entende a identidade como uma construção simples, pelo contrário, podem basear-se em fatores relacionais, econômicos, étnicos, políticos e geográficos.

De acordo com Cuche (2002, p. 182), “[...] para definir a identidade de um grupo, importante não é inventariar seus traços culturais distintos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.” Portanto, apesar de sabermos que não há identidades fixas, consideramos que ela não deixa de existir ao passo das horas nos agrupamentos humanos. Ou seja, existe uma permanência das nossas diferenças de identidades, apesar de todas as mudanças que ocorre ao longo do tempo. Sendo a localização das diferenças o que nos faz permanecer unidos, mesmo diante das nossas individualidades, numa síntese que opera no dinamismo do contato entre pessoas do mesmo grupo ou com pessoas de grupos diferentes. O que gera atribuições e grupos diferenciados, dado a forma que se organizam, ocorrendo uma identificação que perpassa o campo interno de cada membro ou comunidade. Podendo essa identificação ser entendida da seguinte forma:

Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação eles foram grupos étnicos neste sentido organizacional (BARTH, 2011, p. 193-194).

Tomando Barth por base referencial, na citação supracitada fica evidenciado que a identidade não é algo estático, mas construído de forma dinâmica ao longo de toda a vida das pessoas, tendo uma relação ambivalente entre o “eu” e o “outro”, pois não é somente a percepção que o indivíduo faz de si que o diferencia dos demais, mas também o processo de afirmação e legitimação de determinados aspectos e referências de sua identidade que o torna diferente dos que estão inseridos ou não no grupo.

No presente estudo, o que se preconiza de forma explícita é a importância da construção de uma identidade afro centrada, principalmente em uma sociedade

preconceituosa, e que valora de forma positiva, valores, condutas e culturas europeizadas, em detrimento de outras. Sobre isso,

[...] não se reduz somente a uma representação do indivíduo a distingui-lo de outros e, ao mesmo tempo, indicando uma semelhança sua em relação a determinado grupo de referência, porém, mais do que isso – e o que é decisivo para o desenvolvimento da identidade do afrodescendente em uma comunidade hegemônica de valores “brancos” – a identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui (FERREIRA, 2009, p. 47).

Ferreira (2009, p.47), ainda define cinco características que consolida a identidade.

Identidade tem relação com individualidade – referência em torno da qual o indivíduo se constrói; com concretude – não uma abstração ou mera representação do indivíduo, articulando-se com uma vida concreta, vivida por um personagem concreto, alicerces de uma sociedade igualmente concreta e constituída por vidas vividas; com temporalidade – transforma-se ao longo do tempo; com socialidade – só pode existir em um contexto social; com historicidade – vista como configuração localizada historicamente, inserida dentro de um projeto e que permite ao indivíduo alcançar um sentido de autoria na sua forma particular de existir.

As características expostas por Ferreira nos servem também como instrumento para podermos compreender como ocorrem as identidades étnicas na comunidade do Borel, demonstrando como ela foi se modificando ao longo do tempo e como os moradores foram ressignificando, tanto em relação aos seus pares, como no que concerne aos outros moradores das regiões do entorno, assim como os da zona urbana.

Individualidade está relacionada à compreensão de cada pessoa no que se refere a sua percepção de diferença diante às demais. A concretude pode ser entendida como a vivência material desse indivíduo, na qual ele colocará em prática a sua individualidade; a temporalidade demanda mudanças, que são constantemente modificadas com o passar do tempo, sofrendo interferências de âmbito interno e externo; a socialidade confronta o contexto social no qual o ser está inserido; e a historicidade é onde uma pessoa busca alcançar um sentido de autoria na sua forma particular de existir ao longo da vida.

A concepção de identidade enquanto processo de construção e que não se dissocia do ambiente interno ou externo, é essencial para compreensão da dinâmica relacionado à etnicidade. Montes (1996, p.56), assevera;

Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos

indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é só uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá.

Os estudos sobre identidade étnica se estruturam na perspectiva da etnicidade, sendo que os processos de constructo da identidade na visão de Poutgnat e Streiff-Fenart (2011, p.17) consistem em “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo “étnica” é tornada pertinente para os atores”. E a etnicidade se dá a partir das relações estabelecidas com outras pessoas diferentes, gerando modificação (BARTH, 2011). Ou seja, é através do contato com o outro, que são estabelecidos os aspectos de identidade individual ou coletiva, evidentemente, a étnica.

A identidade étnica é um elemento crucial para compreender a noção de pertencimento, e no caso específico na comunidade do Borel, local do presente estudo, haja vista que os indivíduos possuem relação com uma gama de significados e atribuições simbólicas, históricas e ambientais com elementos que os cercam.

### **1.3 Grupo étnico**

Todos os aspectos da etnicidade se processam dentro de um grupo étnico, cabendo então, dirimir ou evidenciar com o aporte teórico essa categoria de estudo. Segundo De Santana (2017, p.30), se posicionando sobre legados africanos, expõe quê, “podemos definir grupos étnicos a partir de sua cultura, embora a cultura entre de modo essencial na etnicidade.” Hall (2002, p.9-19) *apud* Jacome, (2012, p.105), afirma que, “os seguintes elementos são decisivos para a definição de um grupo étnico: um mito compartilhado de ascendência; a associação do grupo com um território específico; o sentimento de uma história em comum”. Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011), conceituando grupo étnico e citando Narrol (1964), diz que o termo na bibliografia antropológica é geralmente entendido para designar uma população que perpetua biologicamente, compartilha valores culturais, constitui um campo de comunicação e interação e possui membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferencial. O que apresenta relação com o exposto por De Santana e Jacome.



Nesse sentido, entendemos como de fundamental importância não esquecermos o quesito biológico ao definirmos se alguém pertence ou não a um determinado grupo étnico, assim como o fato de certas características diferenciar pessoas uma das outras enquanto categorização, de forma perceptível, o que podemos chamar de etnicidade. Os grupos humanos buscam construir suas identidades por meio da atribuição de um valor comum fundacional ao seu território e aos seus laços sanguíneos e de descendência (JÁCOME, 2020). Desta forma, o lugar da sobrevivência e herança genética podem ser encarados como marcadores de atribuições étnicas.

De Santana (2017), expõe dizendo que a etnicidade abarca outros elementos além da cultura, como os traços característicos de cada grupo étnico, tendo como exemplo à religião, as roupas, a língua, os mitos, assim como suas ideologias. A estudiosa ainda continua dizendo, que “[...] a etnicidade enquanto forma de organização política exacerba a cultura de um determinado grupo étnico e também a sua identidade” (DE SANTANA, 2017, P.30). O que não exclui o quesito da diferença nas esferas dos contatos tanto com os de dentro do grupo, quanto com os de fora.

De acordo com Barth (2011), grupos étnicos não podem ser ordenados como um todo homogêneo, pois, para o autor, culturas estão sempre em movimento, contém contradições e são incoerentes. Juntando a problemática das variações que cada cultura traz consigo e sua implicação no estudo da identidade étnica em grupo. Barth (2011) afirma que a cultura pode ser utilizada para manter a diferenciação entre grupos étnicos próximos geograficamente por meio de processos internos que possam acentuar as diferenças entre eles. O que equivale afirmar que nossas formulações culturais constroem arranjos locais que colaboram tanto para diferença quanto na identificação.

#### **1.4 Relações étnicas**

Os traços característicos de cada grupo e também a forma de organização que concretiza nas práticas culturais, sugere que seja construído ou reconfigurado, dado as relações étnicas que se processa no grupo e entre grupos em contato. Barth (2011) utiliza a explicação das fronteiras étnicas para compreender o surgimento das identidades individuais e coletivas, dinamizando a identidade étnica quando mostra que ela não é estática e se transforma a partir das relações. Assim, a

compreensão que fica a partir disso é quê, interação entre os sujeitos e grupos, permitem transformações contínuas que modela a identidade, em processo de exclusão ou inclusão, determinando quem está inserido no grupo e quem fica de fora.

Siqueira, et al (2019, p.84) vai dizer que “[...] as relações étnicas se traduzem em processos pluriétnicos que envolvem uma variedade de categorias chave, tais como: auto atribuição, identidade, raça, racismo, realce, fronteiras, ancestralidade, símbolo, mito/rito, cultura, pluralidade etc”. E todas essas categorias se processam em nosso entendimento de forma conflituosa nos contatos, principalmente entre os múltiplos grupos existentes, desta forma houve o interesse em saber como são construídas as identidades dos membros de uma comunidade específica, assim aumentar ao menos o debate em torno da temática. Sendo que é nesse jogo de processos permeados por conflitos, tensões, lutas entre identidades e linhas fronteiriças que Barth (2011) traz uma abordagem sobre a etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por partes das unidades étnicas. O que pode justificar a existência de atitudes desrespeitosas frente às diferenças de um agrupamento humano em contraponto com outro.

Entendemos que pensar sobre as identidades e também relações étnicas é fundamental para tentar superar a marginalização imposta ao longo do tempo aos pretos e pretas em nosso país, e no caso específico, aos membros da comunidade do Borel, em Itagi-BA. E dessa forma, fortalecer os aspectos identitários e de reconhecimento de si e do outro.

### **1.5 Quilombo contemporâneo**

Os estudos sobre a temática identidade ou etnicidade quilombola têm sido preocupação de vários estudiosos, principalmente os antropólogos, pois vários grupos quilombolas em terras brasileiras ainda estão no processo de luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais. Segundo Cloves Moura:

"O quilombo aparece, assim, como aquele módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu. Estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra (MOURA, 1992, p. 23).

Freitas coloca que:

A palavra “quilombo”, que em sua etimologia bantu quer dizer acampamento de guerreiro na floresta, foi popularizada no Brasil pela administração colonial, em suas leis, relatórios, atos e decretos, para se referir às unidades de apoio mútuo criadas pelos rebeldes ao sistema escravista e às suas reações, organizações e lutas pelo fim da escravidão no país (FREITAS, 2011, p.938).

No período colonial, tempo do surgimento dos quilombos no país, houve diversas manifestações de resistência e foi no quilombo que muitos negros encontraram segurança, organização para continuar vivendo e resistindo. Este lugar para Moura seria a quilombagem, que entende ser “[...] uma constelação de movimentos de protesto do escravo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam as demais formas de rebeldia” (MOURA, 1992, p. 23). É importante destacar que os quilombos ou quilombagem não representou apenas uma forma de luta contra a escravidão. Mas também um ambiente onde podiam conservar a cultura e tradição sem a opressão ideológica que cerceava seus direitos (OLIVEIRA; FERREIRA, 2011). Assim muitos fugiam da exploração e se escondiam em lugares remotos.

O campo teórico sobre quilombos tem enfatizado os estudos das diferenças culturais dessas comunidades, que hoje, muitos chamam de remanescentes de quilombos, sendo reconhecidos por muitos como grupos étnicos.

Com o intuito de consolidar direitos aos que são ou queiram ser reconhecidos como tais, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na tentativa de auxiliar um marco legal, diz que o termo —remanescente de quilombo na contemporaneidade não se refere a resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica, não se tratando de grupos isolados e homogêneos e sim de estruturas para a resistência e reprodução de modos de vida (ABA, 1994). O que equivale dizer que nem sempre foram formados com objetivo de combate aos escravistas do período colonial e pós-colonial. O’Dwyer (2002, p.18), Seguindo orientação de um documento da ABA, regido em 1994, coloca que,

O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conteúdo histórico, o mesmo vem sendo ‘ressemantizado’ para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. [...] No que diz respeito à territorialidade desses grupos, a ocupação da terra não é feita em termos de lotes individuais, predominando seu uso comum. A utilização dessas áreas obedece à

sazonalização das atividades, sejam agrícolas, extrativistas ou outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação dos elementos essenciais ao ecossistema, que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade”.

A constituição Federal de 1988, tratando da questão, assegura em forma de decreto às comunidades quilombolas a propriedade de suas terras, estabelecendo uma relação direta entre a ideia de quilombo e a organização do território étnico. Assim expõe:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, [...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. § 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade (BRASIL, 2003).

A constituição brasileira determinou a revisão do conceito de quilombo, uma vez que compreende o quilombola não necessariamente, como descendente de escravos que fugiam e se embrenhavam nas matas antes do fim da abolição (SILVA, 1998). Assim, uma nova releitura poderia concluir sobre esse conceito de que é espaço de força significativa na atenuação das discrepâncias sociais e raciais do país, e possui uma imagem simbólica da resistência negra (OLIVEIRA; FERREIRA, 2011).

As comunidades quilombolas passam por processo de ressemantização do conceito, e a relativização conduz ao repertório de práticas de auto definições dos próprios agentes sociais que vivem e construíram as diversas situações hoje ditas quilombos (ALMEIDA, 2011), contudo esse dar novo sentido ao termo quilombo contraria a “[...] definição jurídico-formal historicamente cristalizada [...] e os marcos jurídicos instituídos no século XVIII [...] do suposto significado “original”” (IBIDEM, p. 34). Visão que tende a perdurar até hoje. Almeida (2011), ainda coloca que para alcançar as novas dimensões do significado atual de quilombo é necessário por em dúvida e considerar arbitrária a definição jurídica congelada desde o período colonial. Vera Regina Rodrigues da Silva pontua que:

Por conta disso, compromete-se o olhar sobre os indivíduos como protagonistas de um processo identitário que, além de um passado compartilhado na memória coletiva, também dialoga com o hoje em todas as possibilidades de ressemantização de símbolos identitários e potencial político de ação coletiva (SILVA, 2008, p.204).

Comunidade como a estudada e exposta no presente trabalho deve ser observada sempre com uma prerrogativa de que possui autonomia de como querem seus membros ser vistos em seus aspectos identitários. Nesse processo percebe-se a fluidez de um conceito que abrange informações dos sujeitos e trajetórias sociais, que por vezes são invisibilizados ou estigmatizados na leitura social que trazem (SILVA, 2008). Nessa perspectiva, diríamos que o termo quilombo contemporâneo ganhou novos contornos, dado a esta visão de que não se refere a um espaço que abrigava negros vistos como criminosos pelos escravocratas, superando assim as reminiscências equivocadas sobre a formação dos quilombos no Brasil. Considerando o exposto, Moura vai dizer sobre os quilombolas e quilombos:

[...] vivem, em sua maioria, da culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e tem normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade. São também chamadas de comunidades remanescentes de quilombos, terras de preto, terras de santo ou santíssimo (MOURA, 2007, p.3).

Em relação às colocações de Moura, pode ser percebido na prática talvez ao mínimo contato com agrupamentos classificados como remanescentes quilombolas, observando as manifestações e práticas coletivas. Segundo Moura, (2012) quilombos mantem e reproduz o modo de vida característico para consolidação de território próprio. Portanto a estrutura de agrupamento quilombola pode ser vista como forma de manutenção e preservação do lugar e recursos existentes.

As comunidades que hoje se designam como remanescentes de quilombo, antes de 1988, não eram chamadas e nem conhecidas por este nome, e sim de comunidades de pretos ou terras de preto (ALMEIDA, 2009). Os pretos de determinado lugar são chamadas de comunidades negras rurais (ARRUTI, 1998). Fiabani (2007) vai dizer que todas as comunidades negras rurais atuais são consideradas quilombos contemporâneos. Dessa forma as comunidades trabalhadoras rurais brasileiras de afrodescendentes podem ser consideradas como quilombos dos tempos modernos. Não sendo resquícios de ocupações de terras do período da escravidão, ou lugar de manutenção ou comprovação biológica.

Os quilombos na conjuntura colocada por Fiabani (2007), passam então a não se referir a grupos isolados com uma definição de número de pessoas ou de uma população homogênea, muitas vezes são grupos que desenvolveram práticas

outras que contribuíram e contribuem na sobrevivência, compartilhando trajetória, histórica comum e experiências (MOURA, 2012). Sendo que a forma de vivenciar a realidade envolve a consciência de pertencimento entre os diversos grupos da sociedade.

Os quilombolas estão distribuídos por todo território nacional, e boa parte vivem em comunidades formadas por forte vínculo de parentesco, mantendo tradições culturais e religiosas (FREITAS, 2011). Sendo que, na perspectiva do mesmo autor: “Os membros da comunidade estão ligados a trabalhos rurais, ou culturas de subsistência, e muitos dependem de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, entre outros” (IBIDEM, 2011, p.939). Novas nomenclaturas substituem os antigos programas de assistência social do governo, a exemplo, Bolsa Família passou a chamar de Auxílio Brasil, que continua transferindo renda as camadas mais pobres do país. Sendo assim as comunidades quilombolas que já surgiram como forma de resistência dado a escravidão e desigualdade, ainda nos tempos atuais necessitam de suporte do Estado em várias áreas como previdência, auxílios, educação e saúde.

## CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

### 2.1 O caminhar teórico metodológico para o desvelar do estudo

A comunidade é composta por um grupo familiar que ao longo dos anos mantém uma forma de vida peculiar, no que se refere ao jeito de se portar enquanto coletivo e nos relacionamentos conjugais, onde preservam casamentos entre parentes, principalmente primos. Isso vem gerando ao longo de décadas muitas curiosidades nos moradores da cidade, que por vezes fantasiam histórias a respeito dos mesmos, criando desta forma uma série de mitos e termos pejorativos relacionados aos membros do local. E para dirimir esses efeitos maléficos da interpretação histórica sobre a comunidade do Borel, não de ser investigadas tendo as identidades étnicas dos membros da comunidade como base epistemológica de discussão e interpretação.

A pesquisa norteou-se na abordagem hermenêutica, que segundo Geertz (2014) é o entendimento do entendimento, assim “[...] o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre várias maneiras que os seres humanos tem de construir suas vidas no processo de vive-las” (IBIDEM, 2014, p.22). Assim, o que se tem é uma descrição considerando o contexto e dando o sentido necessário por nós enquanto pesquisadores. Geertz, continua,

[...] uma hermenêutica de pensar [...] como uma forma de dar um sentido específico, a coisas específicas em lugares específicos (coisas que acontecem ou deixam de acontecer, coisas que poderiam acontecer), de modo que esses instrumentos nobres, sinistros ou meramente práticos possam adotar formas específicas e ter um impacto específico (GEERTZ, 2014, 235).

Sendo, portanto essencial que em nosso trabalho, vejamos e percebamos o ponto de vista dos moradores pertencentes a comunidade estudada, e que aqui, teve maior foco os posicionamentos que colocaram a narrativa como elemento primordial na identidade, mesmo que objetivamente, dado as circunstâncias que se deram tanto os momentos de aproximação quanto as entrevistas realizadas. Em seu livro *Interpretação das culturas* Geertz (1989,p. 28) diz que "Uma boa interpretação de qualquer coisa - um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade - leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar". E sobre priorizar a narrativa destacada como elemento da identidade, entendemos ser

relevante, na medida que auxilia na compreensão dos tempos: presente e passado. Ricoeur, falando sobre identidade narrativa, assevera:

[...] o sujeito do auto-conhecimento não é o *ego* egoísta e narcisista [...] [mas] o fruto de uma vida examinada [...]. E uma vida examinada é, em grande medida, uma que foi purgada, que foi clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas, sejam elas históricas ou ficcionais, que foram sendo convencionadas pela nossa cultura (RICOEUR, 1988, p.247).

Consideramos que a narrativa dos membros da comunidade do Borel pode nos permitir realizar uma compreensão a partir das visões do ser humano e de mundo que embasa a vida cotidiana. Sendo uma das funções da abordagem hermenêutica revelar através de um círculo que integra explicação e a compreensão. “É a tarefa da hermenêutica de reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se eleva sobre o fundo opaco do viver, do agir e do sofrer para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim, muda o seu agir” (RICOEUR, 1994, p. 86). Sendo, portanto a função do pesquisador de determinado acontecimento essencial, na medida em que com responsabilidade e ética produz seguindo a metodologia científica conhecimentos fundamentados na realidade prática dos grupos étnicos como o estudado neste trabalho.

Compreendemos que entender o que o outro diz não é tarefa muito fácil, pois quando se diz algo, muitas coisas deixam de ser expostas no discurso, o que prolonga o trajeto explicativo. Sanches (2017, p.191), vai dizer, “[...] o campo da interpretação é tão vasto quanto o da compreensão, ambos expandem o sujeito da percepção, cognição e pensamento para compreender a realidade, pressupondo estranhamentos e contradições formativas”. O que evidencia nesse caso as mediações e interações tanto sociais quanto cultural. Geertz (1989, p.15), falando sobre cultura, diz que “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Dessa forma, interpretar e compreender uma fala ou algo observado é fazer um exercício nas complexidades práticas do viver. Sobre o assunto, Ricoeur (1978), expõe que, o trajeto parte da estrutura do ser no mundo, atravessa o sentimento da situação, a projeção das possibilidades concretas e a compreensão, e avança para o problema da interpretação e da linguagem.

A compreensão que fica das postulações de Ricoeur, é que a identidade se realiza no tempo e no espaço das relações e das narrativas. Scocuglia (2002) assevera que o uso do termo hermenêutica remonta ao século XVII e está associado



ao problema da compreensão e/ou interpretação dos significados de textos, sinais, símbolos, práticas sociais, ações históricas e formas de arte. Desta maneira, segue o autor,

[...] assim, compreender uma dada ação ou credo é um trabalho científico que precede a explicação do por que da ocorrência da ação. Seria um trabalho de leitura da situação, de análise do contexto ao qual a ação ou crença pertencem, compreendendo-as sob a ótica de outras ações e crenças historicamente constituídas (SCOCUGLIA, 2002, p.251).

O que fica compreendido em nossa perspectiva, é que a interpretação e compreensão ocorrem pelo viés relacional, e a partir disso atribuímos significados aos momentos vivenciados, seja aos discursos, práticas ou culturas. E no que concerne ao referencial metodológico, à hermenêutica configura como fundamental, pois passamos a interpretar, compreender e explicar os fenômenos que ocorrem nas interações e elaborações, no que concernem as identidades, individual ou coletiva da comunidade lócus do presente estudo. Nesse sentido, nos enquanto pesquisadores, e os participantes podemos ser considerados como atribuidores de significados no constructo da história. Geertz (2014, p.169 ) tudo “[...] funcionam a luz do saber local”. Sendo o espaço pesquisado, com seu povo, mais os pesquisadores construtores de saberes.

Pesquisar sobre as identidades étnicas dos membros de comunidades singulares, como é o caso do Borel, é de certa forma realçar o fortalecimento enquanto grupo por trazer através das histórias e memórias elementos vivenciados que contribuíram ao logo do tempo, e continua contribuindo para o enraizamento da ideia de coletividade e pertencimento, o que pode refletir positivamente na condição de aceitação e respeito aos padrões dinâmicos e culturais, tanto os internos, quanto externos. E para que se pudesse iniciar de forma propositiva, o estudo em pauta, que teve como objetivo, investigar como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel, assim como analisar suas fronteiras, foi necessário percorrer um longo trajeto enquanto método.

O caminho metodológico que nos conduziu ao objeto foi uma árdua tarefa que exigiu muito cuidado e atenção, tendo em vista que produzir conhecimento científico com as características desse estudo, principalmente fundamentado em aspectos qualitativos requer aproximações aos colaboradores no campo investigado.

Sendo em nosso caso, necessário escrever no corpo deste capítulo, que trata do referencial teórico metodológico a vivência enquanto pesquisador de um dos períodos mais difíceis na história da humanidade, que teve início em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Pois foi lá que surgiu o primeiro caso do Coronavírus no mundo, e a partir dali, espalhou-se pela Europa, e para outras latitudes do globo.

O primeiro caso de contaminação pelo novo vírus no Brasil foi identificado no final de fevereiro de 2020, e em março ocorre à primeira morte em decorrência deste terrível vírus. E é nesse cenário pandêmico de nível mundial, que os novos matriculados da turma de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade de 2020.1, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia iniciam a jornada acadêmica.

Configurou-se como um momento de muitas angústias, pois, apesar de estarmos contentes pela conquista da vaga no programa, estávamos receosos e preocupados pela incerteza se o curso seria iniciado, e se iniciado, como se daria os encaminhamentos das aulas, assim como da própria pesquisa.

Passando alguns dias, começaram a aumentar os casos de infectados no país e também de mortos em decorrência do covid-19, e isso acendeu um alerta de todos os gestores dos estados federativos, mas por falta de unidade nas políticas sanitárias e de uma coordenação do Ministério da Saúde, os casos de infectados e mortes dispararam. Somando-se a isso, ainda ocorreu uma tentativa de desprestigiar a ciência, que buscava respostas rápidas para combater, através de vacinas a pandemia em curso. Não bastando, muitos políticos, desde o início da pandemia incentivaram o uso indiscriminado de medicamentos como Hidroxicloroquina e Ivermectina, dizendo sem nenhuma evidência científica, serem esses medicamentos a solução para o tratamento precoce dos infectados. Essa premissa foi defendida até por representantes do alto escalão do governo federal, incluindo aí, o presidente da república.

Foi um período de muita desinformação, mas também de muita luta, principalmente das universidades, que recebiam frequentes ataques dos extremistas defensores do governo. Governo este, que aos poucos tentou sucatear as grandes e principais instituições de ensino superior do país, com a redução de verbas.

Como medida sanitária, houve a necessidade de interromper as atividades acadêmicas presenciais, retornando meses depois no modelo remoto. Portanto, a turma de 2020.1 do programa de Relações Étnicas iniciou e terminou o curso de forma não presencial. Sendo assim, configurou para todos os envolvidos no fazer ciência, seja a instituição, professores e alunos do Programa de Pós-Graduação de Relações Étnicas e Contemporaneidade, um momento singular na manutenção da produção científica quanto para a manutenção da própria vida.

Constatou-se em uma indagação feita por alguns professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por volta de março 2021, que quase todos os estudantes da turma foram afetados direta ou indiretamente pela pandemia, inclusive com mortes em consequência da covid 19 nas famílias dos mesmos. Com certeza, a situação dos alunos dos programas de mestrados no período da pandemia será objeto de muitos estudos acadêmicos logo à frente. Diante do exposto, podemos reafirmar que foi e é um desafio desenvolver pesquisa, principalmente qualitativa nesses tempos de pandemia, que de uma forma ou de outra nos fez repensar como se daria a realização nesse cenário, que foi um período onde, a maioria dos estados da federação defendia o distanciamento social e medidas sanitárias rigorosas.

Tendo em vista que a pesquisa qualitativa, e o método da história oral, que é caminho específico deste trabalho têm como característica peculiar à aproximação entre pesquisador e pesquisado, ou dizendo de outra maneira, entre pesquisador e participante. Ficou evidenciado o desafio no seguinte questionamento: como se daria a investigação em um período onde se deveria manter distanciamento? Sendo assim, foi necessária a alteração de vários aspectos no constructo do projeto, tanto do tema, quando da amostragem e da forma de abordagem e aproximação ao campo de estudo.

As orientações da pesquisa ocorreram de forma a utilizar os recursos tecnológicos por meio remoto, da mesma forma se deu as aulas de todas as disciplinas de créditos do programa de mestrado, que por muitas vezes houve momentos de extrema dificuldade por conta da queda na conexão com a internet.

É nesse quadro que encaramos o desafio de fazer pesquisa e de certa forma dar continuidade na programação do calendário acadêmico da universidade. Em

nosso caso específico, realizamos as etapas de submissão do projeto a Plataforma Brasil, sem muita pressa, tendo em vista que estávamos aguardando um momento mais seguro para a realização de visitas de aproximação a comunidade local do estudo, que passou a ocorrer logo após o início da vacinação.

Ao escolhermos a Comunidade do Borel para realização da pesquisa, já tínhamos a certeza de que o traçado metodológico deveria atender uma demanda singular, que seria adentrar em um espaço carregado de simbolismos, tanto pela maneira que os moradores do entorno e também da zona urbana identificam a população do Borel, quanto pelos comportamentos individuais e coletivos dos próprios membros da localidade.

Nos primeiros contatos foi perceptível uma timidez que dificultou a aproximação, e que nos deixou uma sensação de que eles sabiam a complexidade e amplitude de todas as questões que os cercavam e cercam, aumentando ainda mais o nosso compromisso enquanto pesquisadores éticos e que respeita o outro na sua concretude prática de vida. Dessa maneira, uma alternativa viável passou a ser a busca e aproximação de uma pessoa chave ou “ego focal” da comunidade, e que pudesse fazer uma ponte entre pesquisador e os prováveis participantes, configurando assim o sistema de rede defendido por Duarte.

Sistema de rede “busca um “ego” focal que disponha de informações a respeito do segmento social em estudo e que possa “mapear” o campo de investigação, “decodificar” suas regras, indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio e sugerir formas adequadas de abordagem (DUARTE, 2002, p.140).

Desta forma e levando em consideração o rigor científico, priorizamos o caminho da abordagem qualitativa, que nos auxiliou no processo de busca de como ocorre as identidades dos membros, mas também no desvelar de outras questões que atravessam a vida dos participantes da pesquisa. Duarte (2002, p.140), sobre a pesquisa qualitativa explicita que “apesar dos riscos e dificuldades que impõe, revela-se sempre um empreendimento profundamente instigante, agradável e desafiador”. Portanto, a pesquisa qualitativa em foco, foi amparada e vivenciada por participantes que deram sentido ao desenvolvimento do fazer científico, inclusive nas análises dos dados coletados. Nesse contexto, a participação dos colaboradores aqui, é vista como uma atividade interativa realizada pelo contato do pesquisador com as famílias, mesmo que por um pequeno período.

## 2.2 O método e a entrevista

Com o a intenção de atingir os objetivos propostos, o tema em questão, que foi abordado sob o enfoque da pesquisa qualitativa, utilizou-se de procedimentos da pesquisa de campo, e como método de investigação a História Oral, pois supomos que favoreceu o estudo por envolver sentidos e significados nas ações e relações entre as pessoas envolvidas. José Carlos Sebe Bom Meihy, sobre os desafios da história oral no Brasil, diz: “Nesse sentido, cabe considerar que chamamos história oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido” (MEIHY, 2000, p.85). Sendo isso, uma forma de assumir uma função importante, pois mostra o potencial crítico da História. O mesmo teórico e obra, ainda coloca que a história oral é uma alternativa que dá voz aos grupos de uma forma ou de outra silenciados. O que contribui em nossa compreensão também para as lutas de resistências as opressões.

Conforme Albert (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ainda de acordo Albert (1990, p.1),

História oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram.

Como cada pessoa singulariza a sociedade ou grupo no qual está inserido e a percebe de uma forma específica, falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pela pessoa que como participante expõe de forma oral, o que compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Com isso: “A História Oral produz narrativas orais, que são das memórias e da identidade, pois o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade” (SILVEIRA, 2007). Sendo importante valorizar e fomentar esse aspecto metodológico. Sendo assim:

“Quando se trata das temáticas voltadas para o estudo da presença africana no Brasil, a oralidade é o caminho para entender uma série de dados antropológicos que estão na base dos processos de significação e ressignificação que ocorreram no contexto de nossa sociedade, portanto, pensar em conhecimentos afro-brasileiros implica em aplicar uma metodologia de trabalho que articule boca e ouvido (DE SANTANA, 2017, p.17).

E ainda continua: “A oralidade se estrutura na experiência do cotidiano do ver/fazer da memória, como guardiã do aprendizado” (DE SANTANA, 2017, p.18). Sendo fontes históricas e narrativas, pois; “Um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios” (SILVEIRA, 2007, p.29). O mesmo autor ainda afirma que as narrativas históricas, poéticas e místicas sempre se misturam. E o que pretendemos utilizando o método da história oral neste trabalho foi tornar público à percepção de como são construídas as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel. Diante dessa complexidade que pode ocorrer, e que não deixa de ser própria nas narrativas dos colaboradores, pressupondo recolhimento das informações também pela observação, além da oralidade.

Na tentativa de elucidar como ocorre a construção das identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel, a história oral, narrada pelos participantes da pesquisa não se configurou como um documento pronto. Nós enquanto pesquisadores, tentamos construir a todo tempo um percurso alinhado com a vivência prática do dia a dia, levando em consideração prioritariamente o respeito na forma de dizer e das memórias dos interlocutores, que por muitas vezes se dava na contradição e no silêncio, mas tudo sendo visto como uma necessidade do presente tempo ou momento. Sobre isso, ao romper com uma visão limitante da liberdade dos homens, evidencia quem constrói a identidade e conjugam as relações entre passado e presente ao reconhecer, que o passado é constituído segundo as necessidades do presente (ALBERT,1990). Tendo, portanto a necessidade de valorizar e perceber a importância de todos os tempos.

A História Oral defendida aqui pressupõe uma mudança de enfoque para a construção ou reconstrução da história da comunidade, o que colaborou para desvelar a problemática de nossas postulações, mas também que viabilizou aspectos relegados por outras fontes, ou ausentes do fazer científico até o atual momento. E desta forma, no desenvolvimento do estudo, trazemos à tona temas

tanto do cotidiano quanto de aspectos culturais verificadas nas interações ou por conta delas, e assim, olhar pessoas comuns, não só como sujeitos da pesquisa, mas como agentes construtores de histórias multifacetadas.

Usar as fontes orais na comunidade do Borel para encontrar uma verdade imutável, seria dar uma visão simplista para a complexidade do uso da História Oral. Ferreira (1996, p.20), expõe que a história oral está: “Sujeita aos mesmos cuidados que dedicamos a outros materiais, reconhecendo suas potencialidades e colocando sempre as questões advindas de problemáticas da investigação”. Assim, a história oral articulando diálogos com outros procedimentos metodológicos nos auxiliou a compreender as histórias de vida dos membros da comunidade alvo deste trabalho.

Segundo Thomson (2002), a História Oral é um meio muito importante para compreender o compartilhar complexidades entre culturas introduzidas pelas minorias e as práticas dominantes da sociedade hegemônica. Desta forma, compreender nesse jogo de facetas temporais e relacionais, como se dá as identidades étnicas de um grupo específico passa a ser um desafio, mas que pode através da oralidade nos apontar caminhos que responda nosso questionamento. Meihy (2002, p. 69), “[...] a história oral nasceu e se desenvolveu extremamente vinculada à problemática dos estudos das identidades”. Sendo por conta disso o motivo de está sempre presente como método em estudos sobre grupos e sociedades.

Podemos dizer que, embora o conteúdo de uma história narrada pelos membros da comunidade do Borel possa ser vista como multifacetada, é o discurso dos que vivenciam a prática de vida local e atual que reconfigurará avaliação e posicionamento diante dos desafios que se colocam, sejam nos aspectos culturais ou de contato do seu próprio grupo com outros.

Em vista das transformações do processo histórico que envolve os membros desta comunidade, provavelmente, há elementos culturais e sociais que mudaram e outros que continuam dando unidade ao grupo, que resistem, constituindo-se assim o núcleo de preocupação do trabalho. Sendo utilizadas como instrumento metodológico, entrevistas semiestruturadas com o intuito de aprofundamento tanto de histórias passadas como das práticas e relações que colaboram para a

construção ou manutenção das identidades étnicas dos membros da comunidade no presente.

Segundo Duarte (2002, p.141) “As pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas”. O que reforça ainda mais o nosso compromisso em organizar a forma de coleta de dados, com a finalidade de dinamizar, facilitar e tornar viável, tanto para quem pesquisa quanto para quem colabora com o estudo. De acordo com Meihy (2002), na História Oral a entrevista pressupõe um projeto de pesquisa bem elaborado, “[...] que reconheça sua intenção, determine os procedimentos e a devolução pública dos resultados”. Contribuindo metodologicamente para desenvolvimento e aprofundamento de estudos posteriores.

É na entrevista que iremos ouvir os participantes colaboradores do estudo. Com isso, tornou-se essencial à organização de uma estrutura de entrevistas que deixassem pistas sobre caminhos futuros, no que concernem as identidades étnicas, mas também para o que justifica nosso trabalho, que é a superação de estigmas que inferiorizam os moradores da comunidade de Borel. Para tanto, precisamos das informações indicadas por eles mesmos. Oliveira (2000), escrevendo sobre o trabalho antropológico, defende que a obtenção de explicações fornecidas pelos próprios membros da comunidade investigada permite obter o “modelo nativo” matéria prima para o entendimento.

Nas tessituras desse trabalho, o método de investigação, que foi a história oral, abriu espaço para a entrevista semiestruturada, que teve como pretensão captar as histórias dos membros da comunidade do Borel, registrando fielmente as falas dos quatro colaboradores desta pesquisa. As oralidades dos participantes foram gravadas e transcritas sob a forma de vivências narradas, dando origem ao texto que completa o corpo deste documento científico. Sanches (2017, p.194), expõe: “A consciência narrativa, apesar de implicar a presença de artefatos da imaginação, encontra-se sempre enraizada na existência”. O que é vivenciado, as histórias, culturas, identidades e memórias, aparecem sempre em narrações orais. Não existindo ação sem sentido, sendo a coerência dada na explanação.

A busca de como ocorre as identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel, culminaram em histórias narradas dos participantes,



direcionadas pela entrevista semiestruturadas, contudo outras pessoas da região colaboraram com os encaminhamentos do desvelar da pesquisa através de conversas informais. Nesse contexto, contribuiu com o estudo; uma professora aposentada conhecida como Dona Idália, hoje moradora da zona urbana, mas que por um longo período foi proprietária de uma fazenda próxima à comunidade do Borel, e que por vezes, contratou junto com seu esposo já falecido, os serviços de diárias de muitos dos componentes da comunidade.

Foram de extrema relevância as informações prestadas também por uma fazendeira que ainda mora na região, conhecida como Dona Valdelice Ramos, pois até a data de conclusão desse estudo contrata serviços de pessoas moradoras da comunidade lócus do estudo.

As entrevistas com essas colaboradoras externas à comunidade se deram de maneira informal em conversas respeitadas, enriquecedoras e esclarecedoras, onde as mesmas discorriam livremente sobre a comunidade e seus componentes. Só estabelecemos no início das conversas alguns pontos pertinentes para o contexto desta pesquisa e que poderiam ser relevantes para a análise, mas outros pontos foram surgindo espontaneamente no decorrer dos diálogos. Já com os participantes que compõem a amostra na comunidade estudada, as aplicações das entrevistas semiestruturadas foram preenchendo algumas lacunas que não foram percebidas na observação.

### **2.3 A observação na comunidade do Borel**

A observação aparece como alternativa instrumental na medida em que passou a ser fundamental darmos especial atenção as dinâmicas que ocorriam em nossa frente, sobretudo aquilo que eles, os participantes do estudo não diziam ou se contradiziam com os símbolos presentes em vários espaços. Agier (2001, p.12) escrevendo sobre o assunto, indica que:

[...] a atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas a priori das culturas, tradições ou figuras ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem. É a partir dos contextos e das questões em jogo, nas situações de interação que a memória é solicitada seletivamente.

Entendemos que o enfoque das observações e dos diálogos com os colaboradores sinalizaram interações enquanto produtora de processos da

identidade e cultura, contribuindo para a questão levantada durante a produção da pesquisa.

É importante destacar as reflexões em torno da fluidez das identidades nesses tempos pós-modernos. Vivemos em uma sociedade em que as relações são cada vez mais dinâmicas, no sentido de que tudo se modifica rapidamente, incluindo aqui as identidades. Bauman (2005) busca pensar a fluidez contida nessas identidades e em especial, na sociedade, através da família com seu papel dentro da própria sociedade líquida. Desta forma, os modelos estabelecidos sofrem mudanças no decorrer dos anos, gerando novos modelos e outros funcionamentos. Assim, tanto a entrevista semiestruturada, quanto a observação desenvolvida na comunidade, se referem ao tempo presente do estudo, já que a preocupação aqui é entender à construção da noção de identidade étnica. “Além das competências da fala e da escuta, empregadas na entrevista, a observação é outra habilidade diária metodologicamente sistematizada e aplicada na pesquisa qualitativa” (FLICK, 2004, p.147). Assim esse instrumento foi utilizado agregado com as entrevistas.

Neste trabalho foram desenvolvidas observações levando em consideração situações relacionadas ao dia a dia das pessoas, sendo necessária a busca do que ocorre no íntimo da comunidade e de suas experiências. O que nos obrigou a realizar antecipadamente, 10 visitas de aproximação, antes de aplicarmos as entrevistas com os participantes pertencentes da amostra. Diríamos que o objetivo era participar da comunidade, mesmo que por um tempo reduzido, com a intenção de vivenciar junto com os moradores do local a naturalidade das atividades e das relações internas e externas. Flick (2004), sobre a observação participante, diz que os aspectos principais do método consistem no fato de mergulhar de cabeça no campo, a partir de uma perspectiva de membro, mas, também, de influenciar o que é observado com a participação.

Durante as visitas de aproximação, construímos uma relação de proximidade com um dos componentes da comunidade, e foi a partir dele que o trabalho tornou-se possível. Assim, conseguimos encontrar uma pessoa chave que contribuiu significativamente para a realização do estudo, como para a concretização das observações e entrevistas. Sobre pessoas chave na pesquisa, Flick argumenta:

[...] o pesquisador às vezes conta com a ajuda de pessoas-chave, encarregadas de apresentá-lo e de fazer contatos para ele. Porém, nem sempre é fácil encontrar a pessoa certa para essa tarefa. Por outro lado, o pesquisador não pode se colocar demais à mercê dessas pessoas, devendo, sim ter o cuidado de observar até que ponto aceitar a perspectiva delas indiscriminadamente, e estar ciente do fato de que essas pessoas podem estar proporcionando a ele o acesso a apenas uma parte específica do campo (FLICK, 2004, p. 154).

Tivemos o cuidado em saber se essa pessoa classificada como chave para Uwe Flick, ou ego focal para Rosália Duarte, realmente poderia colaborar com o nosso estudo, daí a assertiva das visitas de aproximação, pois foi nesse período que tivemos contato com a pessoa que viria ser quem nos deu todo o direcionamento das etapas, com indicações, inclusive dos melhores dias para ida à comunidade. Todo esse esforço de encontrar um membro focal foi no sentido de resguardar a confiabilidade e responsabilidade do estudo para apontar respostas certas a nossa problemática. Flick (2004, p.154), ainda nos alerta sobre a pessoa chave, que, “Por fim, se essa pessoa for, por exemplo, um *outsider* no campo, ela poderá até mesmo dificultar o acesso ao campo em estudo ou a abordagem a determinadas pessoas dentro deste”. Ou seja, a pessoa que for cumprir a tarefa de informar e instruir o pesquisador não pode ser alguém de fora ou que não vivencia a prática cotidiana e coletiva.

Todo um esforço foi dispendido para não deixar lacunas ou possíveis incompreensões das práticas individuais ou coletivas que indicassem a dinâmica da construção ou reconstrução das identidades étnicas. A partir daí a espontaneidade foi reveladora. Assim:

É mais provável que os enunciados dentro do grupo sejam vistos como atitudes compartilhadas e não como enunciados de um membro em contato direto com o observador. Atividades e enunciados espontâneos parecem mais confiáveis do que aqueles em resposta à intervenção de um observador (por exemplo, uma pergunta direta (FLICK, 2004, p. 158).

Nessa premissa, o aproximar foi de fundamental importância para que o pesquisador compreendesse através dos participantes, aquilo que era discurso e o que seria da prática cotidiana, do viver, construir e reconstruir as identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel.

Houve observações, visitas, e entrevistas com quatro (4) membros maiores de idade e sem distinção de gênero ou orientação, sendo que, pelas circunstâncias, foram possíveis conversas com moradores da região do entorno. Os riscos do

estudo foram relacionados com o constrangimento aos participantes da pesquisa, desconforto físico e psicológico, prováveis vazamentos dos dados obtidos, além da recusa dos moradores em participar e da dificuldade de aproximação aos pretendidos colaboradores.

As abordagens aos colaboradores foram amigáveis, explicando de forma sintética os objetivos do trabalho, assim como a metodologia aplicada para alcançar as informações, que foram também por via de conversas informais e análise do cotidiano.

Os dados coletados foram analisados num processo interpretativo ao longo do desenvolvimento da pesquisa, usando como auxílio o diário de campo e transcrições, recompondo o material a partir de mediadores dados pelo objeto e objetivos do estudo. Construindo desta forma, narrativas individuais e coletivas que favoreceram na elucidação dos aspectos históricos de construção da identidade étnica dos integrantes da comunidade do Borel, a partir das práticas que vivenciaram, e as que ainda continuam vivenciando.

Deixamos aqui as tabelas com a organização do percurso prático das nossas idas ao local do estudo para a aproximação, das entrevistas com a amostragem, e observações no campo:

TABELA 1	
VISITAS DE APROXIMAÇÃO AO CAMPO DO ESTUDO	
06/06/2021	Primeira visita ao local do estudo, onde encontrei quatro jovens da comunidade sentados na beira do caminho, momento em que parei para conversar.
13/06/2021	Conheci mais dois rapazes, que estavam conversando na frente de uma das casas na entrada da comunidade. Um desses rapazes viria a ser a pessoa chave da pesquisa e também componente da amostragem.

	Sendo nomeado aqui em nosso estudo como participante <b>B</b> .
27/06/2021	Fui diretamente à casa da pessoa chave, nomeada com a letra <b>B</b> . Onde tomamos café e conversamos sobre diversos assuntos, como: caça, política e trabalho.
18/07/2021	Encontrei mais pessoas, que foram cordiais, apesar da timidez, e me direcionei para a casa de <b>B</b> .
25/07/2021	Fiz uma caminhada pela comunidade com <b>B</b> , que me levou para conhecer um conjunto de casas abandonadas logo após umas das casas de tempos em tempos pegar fogo sem nenhuma explicação.
23/08/2021	<b>B</b> me levou para apresentar ao seu pai que mora em outra residência com a esposa.
30/08/2021	Assistir um jogo de futebol com <b>B</b> e mais uma pessoa da comunidade.
03/09/2021	Fui junto com dois amigos fazer uma caminhada ecológica e <b>B</b> nos conduziu pelas matas da região.
05/09/2021	Fui à casa de <b>B</b> e logo nos direcionamos para a casa do seu pai, onde permaneci por mais de duas horas conversando sobre a situação das estradas da região e a que dá acesso ao Borel.
07/09/2021	Fui pela manhã à comunidade levando uma carne para fazer um churrasco na casa de <b>B</b> , onde permaneci até a tardezinha.

TABELA 2	
ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES	
12/09/2021	Entrevista com o participante <b>A</b> e observação.
19/09/2021	Entrevista com o participante <b>B</b> e observação.
26/09/2021	Entrevista com o participante <b>C</b> e observação.
03/10/2021	Entrevista com participante <b>D</b> e observação.
05/10/2021	Observação
12/10/2021	Observação
13/10/2021	Observação
15/11/2021	Observação

## CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 Contextos e participantes da pesquisa

Foram realizadas primeiramente dez visitas de aproximação na comunidade do Borel, sendo esta uma decisão levando em consideração as conversas com pessoas moradoras do entorno da comunidade estudada, que diziam serem os moradores do lugar, muito tímidos e não dado ao contato com estranhos. Sendo assim, houve essa preocupação de realizar a pesquisa de forma a não criar desconforto aos pretensos colaboradores.

As visitas de aproximação favoreceram a escolha das quatro pessoas como colaboradores do trabalho. A seleção da amostragem foi realizada com base em dois critérios: a acessibilidade do pesquisador a estes e o fato de tratar-se de pessoas que nasceram e cresceram dentro da comunidade. O segundo critério foi utilizado em razão da possibilidade de se obter padrões de respostas em função de sua íntima ligação com o espaço de vida. Sendo que a partir dos resultados esta análise se mostrou profícua, em função da pouca diferenciação dos dados obtidos, mas com uma dificuldade intrínseca por conta da comunicação oral reduzida por parte dos colaboradores, apesar da boa vontade dos mesmos.

Decidimos nomear as quatro pessoas participantes na pesquisa com as letras **A**, **B**, **C** e **D**, para que haja a preservação diante de possíveis observações e interpretações equivocadas por parte dos moradores do entorno e da zona urbana, pois já são vistos como estranhos. Como fizemos caminhadas, acompanhados sempre por membros da comunidade aos limites territoriais da comunidade, sendo percebidas essas movimentações por alguns proprietários do entorno, e que residem na cidade, preferimos tomar esse cuidado.

O participante **A**, de 56 anos de idade, que se considera e é considerado por outros moradores o líder comunitário do Borel, é a pessoa que geralmente recepciona quem chega à comunidade, dependendo do horário, se depara com ele na frente de sua residência, como se estivesse atento aos visitantes ou

movimentações dos moradores do local. O mesmo tem filhos na comunidade, e também outros que moram em outras cidades, mas atualmente vive apenas com sua esposa, a qual conheceu na feira que acontece aos sábados no município de Itagi, portanto não é uma natural do local. Esta também não é a mãe dos seus quatro filhos, sendo a genitora destes falecida há três anos.

O participante **B**, de 23 anos teve um papel importante para o desenvolvimento da pesquisa, sendo através deste que houve os primeiros contatos do pesquisador com outros moradores da localidade, além de se configurar como o ego focal no trabalho. A participante **C** de 27 é irmã de **B** e vivem na mesma casa com mais uma criança com menos de um ano de idade. E o participante **D** é um jovem de 19 anos que é considerado uma peça humana fundamental na dinâmica de sobrevivência dos membros do Borel, pois é uma espécie de *motoboy* local, sendo este sempre solicitado para buscar coisas em outras localidades, comprar remédios, levar ou buscar pessoas na zona urbana.

### **3.2 Etapas da coleta de dados**

As coletas das informações ocorreram durante os meses de setembro e outubro do ano de 2021 e deu-se através da realização de entrevistas semiestruturadas com quatro moradores da comunidade do Borel, localizada a oito quilômetros de distância da zona urbana do município. As entrevistas tiveram duração aproximada de 30 minutos cada, foram previamente agendadas durante visitas que consideramos para aproximação, sendo gravadas para facilitar o momento da transcrição e para que não houvesse perdas de fatos ou informações relevantes.

O roteiro da entrevista dividiu-se em três partes, sendo a primeira para conhecer o participante da pesquisa, a segunda com o objetivo de entender a ligação do colaborador com a comunidade, e a terceira parte para elucidar sobre a relação dos entrevistados com pessoas da zona urbana.

### **3.3 Procedimentos de transcrição e análise de dados**

A análise das informações foi realizada levando em consideração os instrumentos utilizados. Assim, as informações obtidas através da entrevista gravadas foram transcritas na íntegra. Em seguida, procedeu-se uma leitura



cuidadosa e detalhada de todo o texto transcrito, com a intenção de destacar os conteúdos evocados que respondiam de forma mais objetiva à pergunta inicial do estudo.

Após a leitura, procedeu-se a organização do material por categorias de análise, identificando as que mais iriam contribuir para uma melhor compreensão sobre como ocorre as identidades étnicas desses membros da comunidade do Borel. Nenhum conteúdo exposto pelos entrevistados foi desprezado, mesmo que tenha aparecido na fala de apenas um dos quatro participantes. Assim, procuramos destacar as informações mais recorrentes entre os colaboradores, tendo em vista que os mesmos apresentam certo consenso.

Outra análise que entendemos ter sido relevante, feita a partir da leitura dos conteúdos transcritos, foi à busca de relações entre os classificadores: identidade, grupo e relações étnicas, a partir das articulações que os próprios atores realizam e o confronto destas com a literatura disponível referente ao tema de estudo.

Em contínuo, transcrevemos de forma mais detalhada, os procedimentos de análise utilizados no tratamento dos dados obtidos em cada etapa do roteiro da entrevista semiestruturada. Sendo que a primeira parte envolveu a elaboração de quadro descritivo com dados de categorização: onde nasceu, identificação étnica, como foi educado, estado civil, número de filhos, auto descrição, comportamento na comunidade e fora dela, influência religiosa. A pergunta relacionada ao grau de instrução foi feita para todos os entrevistados, mas de forma flexiva ao longo das etapas das entrevistas.

A parte II, levando em consideração a estratégia utilizada na primeira, buscou-se compreender a vida de cada um dos colaboradores, se viveu a infância no local, sentimento de unidade na comunidade, diferença entre os membros e eventos desenvolvidos. Já a parte III, a intenção foi descobrir a relação deles com as pessoas da zona urbana do município, para tanto realizamos perguntas como: Se costuma ir com frequência a sede do município e para quê? Se há dificuldade de interação com os moradores da zona urbana? E se já sofreram preconceito, discriminação ou racismo?

A apresentação dos resultados foi feita levando em consideração características centrais e periféricas no estudo. As mais centrais foram falas dos participantes que tiveram relação com as categorias de análise da pesquisa, como identidade étnica, relações étnicas e grupos étnicos. E as informações periféricas foram importantes para a compreensão do todo comunitário, não sendo central pelo fato de possuir menos relação com as categorias já citadas, que são chaves no estudo.

### **3.4 Resultados e discussões**

No presente tópico são apresentados e discutidos os resultados obtidos no sentido de responder ao problema: Como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel? Para tanto, dividiu-se a exposição fundamentado do roteiro de entrevista, em três partes, onde na primeira são apresentados os resultados relativos aos elementos esquemáticos vislumbrados no fazer prático e discursivo dos entrevistados referente ao conceito de identidade étnica.

Na segunda etapa de análise do roteiro de entrevista, discutem-se as características consideradas importantes pelos membros da comunidade nas relações internas e no sentimento de unidade. Na última etapa focalizamos no nível de compreensão sobre a construção da identidade que se dá na interação, assim como nos conflitos com os outros.

Conforme descrito anteriormente, a identidade aqui é assentada em teóricos como Barth (1969; 2011) Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011), Oliveira (2000), De Santana (2017) e Munanga (1994), Silva (2014) e outros. Que entende a orientação de identidade como algo construído na relação com o diferente, tendo relação com esquemas de poder, força e representação, que fundamenta o sentimento de pertencimento a um dado grupo étnico racial.

Diversos elementos participam da concepção percebida pelo pesquisador sobre o conceito de identidade étnica na construção prática de vida dos membros da comunidade do Borel, tais como: marcadores raciais e étnicos, como cor da pele e religião, sendo que todos os colaboradores se identificaram objetivamente com negros e com noção de que são descendentes de pessoas vindas da África.

Talvez esses quesitos sejam os que mais provocam estigmas preconceituosos as pessoas que se declaram afrodescendentes, tanto na comunidade lócus do estudo, como de outras comunidades compostas por pretos e pretas em todos os cantos do nosso Brasil, carecendo de estudos mais aprofundados para tal constatação no que se refere à globalidade da identificação. Oliveira (2000), escrevendo sobre os descaminhos da identidade, coloca que o processo de estigmas observável num e noutra cenário inter-racial ou interétnicos é caracterizado também pela dicotomia ascendência e aparência, expressando situações de preconceito de cor ou marca. Situação que pode ser percebida no cotidiano em todas as regiões do país.

Oliveira falando sobre identidade (2000, p.8) vai dizer que é: “Um fenômeno cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que o abrigam”. E foi levando em consideração esse aspecto, que tivemos o cuidado de compreender como se estrutura a noção de identidade étnica na comunidade do Borel.

As quatro pessoas entrevistadas ao serem perguntadas na primeira etapa de questionamentos sobre a identidade racial e étnica; se elas se consideravam branco, preto, pardo, amarelo ou indígena? De forma objetiva as respostas foram “preta”. E ao segundo passo da pergunta sobre esse tópico, o pesquisador ainda interroga, considera-se um afro-brasileiro, ou seja, descende de povos africanos? E mais uma vez as respostas foram “sim” ou “com certeza”.

Negro é quem se autodeclara preto ou pardo (OLIVEIRA, 2004). Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social e política da identidade étnica no Brasil. Assim, a construção da identidade étnica decorre de estruturas de contato com outros, parecidos ou diferentes na forma de vivenciar as produções culturais. O que vai de encontro com o defendido por Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011) de que as diferenças étnicas não dependem de uma ausência de interação, pelo contrário, são fundações englobantes.

No que diz respeito às respostas espontâneas dadas pelos entrevistados a cerca da identidade e qual ou quais as principais características os diferem de outros com identidades diferentes. A resposta do participante **A**, por exemplo, foi “Eu me

considero dessa cor *merminha*, o que a gente pode fazer é considerar preto, sou um africano no Brasil e o branco veio de outros lugares”. Conforme exposto, a identidade étnica desse morador está diretamente associada ao seu caráter mais evidente, ou seja, a cor da pele e a referência biológica de pessoas vindas da África como escravos. Elementos que se constitui inclusive na caracterização e, conseqüente, diferenciação dos membros da comunidade de outras regiões rurais do município de Itagi.

Consideramos através também do que foi observado no local do estudo que a diferença percebida pelo colaborador **A**, construída no marco de características físicas, passa a ser um aspecto da vivência tanto estrutural quanto cultural entre os membros da localidade. Sendo através do contato entre os diferentes grupos, e com pessoas de dentro da comunidade com os de fora, ou entre nós e eles que tudo é percebido, podendo ser reformulado como possibilidade na construção de fronteiras de contatos mais amigáveis. Mas, infelizmente o que se nota na atualidade é a existência de fronteiras étnicas diametralmente opostas, conflituosas e de desrespeito para com os membros do Borel.

“A fronteira étnica canaliza a vida social” (POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J., 2011, p.196). E Silva (2014), assevera que cruzar fronteiras pode significar mover-se livremente entre territórios simbólicos e não respeitar os sinais que demarcam os limites das diferentes identidades. E por incrível que pareça no que se refere à identidade, aquilo que é deixado de fora, ou seja, que não pertence, é sempre parte da definição e da constituição do dentro (SILVA, 2014). Desta forma, segundo o mesmo autor: “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica de fora” (SILVA, 2014, p.82). Mesmo convivendo com pessoas diferentes em vários aspectos, é justamente através desses pontos que afirmamos uma identidade específica.

A identidade étnica é entendida aqui como marcador importante da diferença frente a outras pessoas que não pertencem a um agrupamento específico e que não compartilham nenhum aspecto do modo de viver. Segundo, O`Dwyer (2002, p.16), “[...] a afiliação étnica é tanto uma questão de origem comum quanto de orientações das ações coletivas no sentido de destinos compartilhados”. Surgindo assim os encontros e desencontros identitários.

A construção da identidade nessa premissa, leva em consideração a origem comum, que se caracteriza pelos aspectos biológicos subjacentes a afrodescendência, como a cor da pele, mas que também é construído através das formulações que ocorrem dentro de cada grupo que vivencia os contatos e compartilham modos de vida e cultura.

Percebemos que a tradição é um elemento essencial para compreendermos a dinâmica na vida dos moradores da comunidade do Borel. A fala deles, principalmente em momentos informais, como o dito por um dos moradores sobre o que eles acreditam a respeito de religião “já veio tudo dos antepassados” evidenciando que as práticas realizadas na comunidade são ancestrais, ou seja, são elementos que servem como de ligação entre o hoje e o ontem.

Existe um sentimento de dever, presente nos moradores do Borel, em manter viva a tradição deixada pelos seus ancestrais sobre o místico relacionado à proteção espiritual das casas. O participante **D** expôs que “todo mundo aqui aprendeu a proteger as casas das coisas ruins”. O que torna a comunidade singular em face de outras comunidades. Cabe salientar que preservar qualquer aspecto cultural, religioso ou de outro tipo não significa ausência de mudanças estruturais. Cohn (2001) afirma que a cultura não deve se manter em uma suposta integridade; o que deve ser preservado é sua diferenciação em relação às outras, e as fronteiras são traçadas nos contextos. Cohn (2001), ainda assevera que as dinâmicas sociais e culturais não atentem apenas às tradições, mas também à inovação. Não negando as mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

Sobre os aspectos fenotípicos na concretude da identidade O`Dwyer (2002, p.17), expõe: “Também nesse domínio a aparência exterior só importa quando sentida como característica comum, constituindo, portanto, uma fonte de contrastividade entre os grupos”. E os colaboradores **B**, **C** e **D** apesar de responder sobre o que se consideram; se branco, preto, pardo, amarelo ou indígena, não souberam ou não quiseram responder a respeito das diferenças étnicas com outras pessoas externas a comunidade. No caso de comunidades étnicas, a afirmação da identidade e da diferença é em geral necessária para que seus membros possam ser reconhecidos e dialogar em pé de igualdade com outros na sociedade (LEROY, 1997).

Apesar da comunidade do Borel ser uma região de zona rural esquecida pelos órgãos públicos do município, pois ali residem jovens que não frequentam escolas por conta da distância da zona urbana e das péssimas condições das estradas vicinais de acesso, com o atendimento na área da saúde praticamente inexistente, e também, sendo seus membros alvos de inúmeros tratamentos pejorativos por parte de pessoas externas a comunidade, mesmo assim eles continuam não tendo vergonha de afirmar a identidade étnica e racial ao qual pertencem. Mas algo que fica evidente diante de tamanha dificuldade, dado as condições que vivenciam é a relação de desigualdade. “Quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de desigualdade e estratificação” (POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J., 2011, p.211). O que concordamos, sendo este um aspecto a ser observado, tanto por eles quanto por representantes governamentais e suas diversas instâncias.

Estudiosos como Calheiro e Stadtler (2010, p.138) colocam que: “A assunção de uma identidade, antes mesmo de garantir direitos e atenção governamental específica, permite ao indivíduo associar-se a um grupo e colocar-se de outra forma perante a sociedade”. O que pode dirimir de certa forma os efeitos negativos da relação de poder vivenciadas entre os diferentes grupos étnicos. Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011) vai dizer que as relações interétnicas que sempre observamos implicam múltiplos processos cujo efeito transforma a identidade individual e grupal, modificando outros fatores na situação. Desta forma, condições financeiras e sociais podem enfraquecer ou fortalecer as identidades, assim como, as fronteiras étnicas.

É importante deixar exposto a posição do pesquisador diante desse aspecto do fortalecimento enquanto comunidade de pessoas pretas, sendo necessário lutar para conquistar as garantias constitucionais, principalmente dos afro-brasileiros e povos da autoctonia do país, vislumbrando como essencial para que haja o atendimento de condições satisfatórias da sobrevivência. Assim, defendemos como sendo de fundamental importância que grupos como o estudado busquem seus direitos através das vias legais, como certificação enquanto remanescentes quilombolas de fato, se assim for da vontade dos moradores, melhor educação, saúde e infraestrutura.

E a identidade étnica percebida pelos próprios membros da comunidade pode contribuir nesse processo de superação de dificuldades, que nos parece singular, na medida em que, seja necessário conciliar aspectos de representações históricas e culturais, com as condições práticas na atualidade. Oliveira (1976) coloca que as representações coletivas ou as identidades étnicas somente serão inteligíveis à condição de serem referidas aos sistemas de relações sociais que lhes deram origem.

Segundo Oliveira (2000), escrevendo sobre os (des)caminhos da identidade, a identidade é um fenômeno cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que o abrigam. Ademais, sobre as questões relacionadas à identidade étnica, de fato o que se observa tanto na comunidade do Borel, quanto no país são recorrências de oposições as diferenças. Sendo a aparência e ascendência étnica, como já explicitada, marcadores observados diante das relações.

Todas as questões que estão sendo colocadas têm-se como referência de estudo um povo específico, que compõe uma comunidade singular, seja ela remanescente de quilombo ou não. Mas pelo fato de ser composta por pessoas pretas, e que viveram e ainda vivem a margem da sociedade enquanto possuidores de direitos merecem nossa atenção enquanto pesquisadores, levando em consideração as questões históricas impostas aos afro-brasileiros.

Na atualidade, ainda há diversos agrupamentos rurais e urbanos que podem se caracterizar como remanescentes dessa realidade, que não necessariamente mantem as mesmas características dos quilombos que se formaram a partir da escravidão em terras brasileiras.

Apesar da comunidade do Borel ser suspeita de caracterizar-se como remanescente de quilombo, não é o foco do nosso trabalho, mas sim, trazer a tona os seus modos característicos de constituir-se enquanto sujeitos étnicos possuidores de um lugar que os materializa enquanto tais.

No que concerne aos conflitos étnicos vivenciados pelos membros da comunidade, já se espera, apesar de não se recomendar, pelo contrário, repudiar, a existência de mecanismos nas práticas e discursos individual ou coletivo que tendam a diminuir o outro por seus traços físicos ou herança étnica. Segundo,

Oliveira (2000) a sociedade é estruturalmente segmentada em etnias e grupos raciais. Assim, estar unido enquanto um grupo ou comunidade étnica se faz necessário para o alinhamento na defesa, dos direitos, do patrimônio físico e também cultural. Segundo Hall,

[...] a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

Dos quatro participantes que responderam a respeito de aspectos interpessoais e interétnicos, três relataram nunca ter morado fora da comunidade. Apenas uma disse ter passado cerca de um ano, entre 2018 a 2019 no município de Jequié, BA, que fica a 50 km de Itagi. A mesma disse ter trabalhado em casa de família. De uma maneira geral, pelos relatos durante a realização da pesquisa, essa não é uma realidade que se aplica para o maior quantitativo dos membros do Borel, pois os que estão na atualidade residindo na comunidade, em sua grande maioria nunca viveram fora dali. O que se pressupõe ser os aspectos culturais vivenciados internamente um dos definidores das identidades dos entrevistados.

A informação que todos os entrevistados passaram é que tem mais pessoas naturais da localidade vivendo em outros lugares, do que os que restaram. Sendo que o êxodo geralmente se dá por conta da falta de emprego, já que seus lotes não tem como produzir alimentos suficientes por serem de tamanho reduzido, não chegando à metade de um hectare por família. Na perspectiva de Stuart Hall (2003, p.28) “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão”. Interessante é que muitos dos membros da comunidade, mesmo não morando na localidade, permanecem donos da terra de forma compartilhada com os que ficaram sem nenhuma perspectiva de venda a outrem.

Sobre os moradores que permaneceram, percebe-se uma ligação muito forte com território no qual foram criados. Na fala dos entrevistados foi notória como a comunidade foi e é fundamental na constituição da identidade étnica. O participante **A** ao ser perguntado como foi educado, disse:

Rapaz, eu fui criado mais pelo mundo, mais eu e minhas irmãs, tá entendendo, desde novo, da idade de meus oito anos que não tive mãe. Eu tive mãe, tá me entendendo, mas só que minha mãe morreu, aí eu fiquei



num canto e no outro, mais minhas irmãs. Eu tinha muita irmã, e nós ficamos aqui mesmo por onde eu tô. Aí, as minhas irmãs e eu, ficava numa casa de um, numa casa de outro também, meu pai era viúvo também, e eu fiquei assim pelo mundo, morando só por aqui mesmo, sem sair para canto nenhum. Fui criado com meu povo ajudando.

A identidade percebida nas colocações do colaborador **A**, está vinculada de forma simbólica ao pertencimento territorial. Percebemos que a referência de vida para este membro da comunidade é estruturada tendo o próprio território como balizador de suas relações e definidor de sua identidade. Quando ele diz que viveu pelo mundo, morando só por ali mesmo, ou seja, na própria comunidade, expressa a sua intrincada ligação com a localidade, a ponto do Borel ser o mundo para ele, pois nunca morou fora da comunidade. O que confirma o pensamento de Hall (2006, p.62) ao dizer: “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais: língua, religião, costumes, tradições, sentimento de lugar, que são partilhados por um povo”. Assim, compartilhamento de cultura, tradições e o local de vivência podem gerar sentimento de pertença e definir identidades. O que pode ser confirmado em um contato mais pleno com membros do local. “É em situações mais globais de relacionamentos que aparecem as singularidades tanto da identificação quanto da diferenciação” (SANTANA, 2022, p.4).

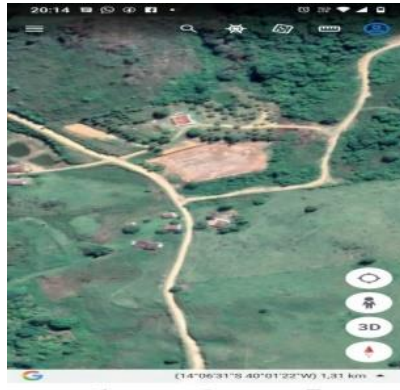
A comunidade do Borel como se verifica em imagens mais abaixo, está localizada em meio à vegetação e do plantio de bananeiras, jaqueiras e abacateiros, tendo um verde característico por pertencer à faixa do bioma mata atlântica. Estando localizada no encontro de topos de morros, tendo uma fatura hídrica significativa, pois alguns olhos d'água afloram na localidade.

**Figura 1** – Comunidade do Borel vista de uma parte mais alta.



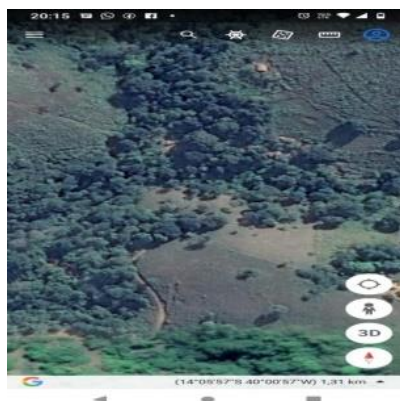
**Fonte:** Própria (2021).

**Figura 2** – Acesso transversal à comunidade do Borel



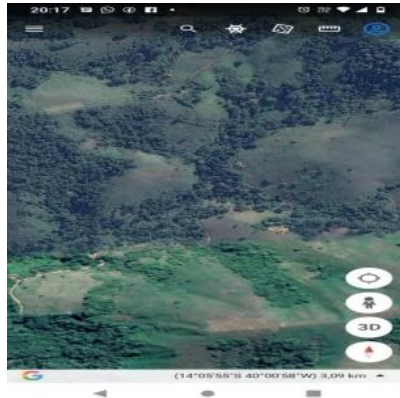
**Fonte:** <https://earth.app> (2021).

**Figura 3** – Estrada vicinal da comunidade do Borel



**Fonte:** <https://earth.app> (2021).

**Figura 4** – localização da comunidade em meio à vegetação



Fonte: <https://earth.app> (2021).

Outro ponto que merece destaque nesta análise é o formato colaborativo que os membros da comunidade vivenciam ao longo da existência, onde a criação das crianças é quase sempre compartilhada entre os membros da localidade, a depender da necessidade. Aqui, o participante **A** diz, respondendo como foi educado, que tanto ele quanto suas irmãs ficaram quando criança na casa de um e de outro, pois o pai era viúvo.

Percebemos que as famílias da comunidade, ainda nos tempos atuais colaboram na criação das crianças de maneira mais coletiva, do que se percebe na zona urbana, contribuindo na estruturação familiar que se faz presente na identidade grupal e individual dos membros.

O participante **B** ao responder o mesmo questionamento sobre como teria sido educado na comunidade, responde “sempre me deu educação”, como se não conseguisse separar a educação recebida dos seus pais, e a que é estruturada no formato colaborativo existente entre os membros. Já a participante **C** respondeu, “Agente ficava mais dentro de casa e trabalhava na roça mesmo, ia para a escola e voltava, era isso. Estudei até o primeiro ano” (Grifo meu; primeiro ano do Ensino Médio). A participante **C**, foi a única, das quatro pessoas que teve oportunidade de morar um tempo fora da comunidade e também de prosseguir um pouco mais adiante na educação formal, os outros três um é analfabeto e dois não concluíram a etapa do ensino fundamental II.

O colaborador **D**, sobre como foi educado na comunidade responde, “com muito trabalho para conseguir viver e estudei até o 6º ano do fundamental”. Assim, nas falas dos dois últimos percebe-se que a vida na comunidade se configura para seus moradores como uma condição impeditiva a educação formal, pela distância da zona urbana, conseqüentemente do ambiente escolar, mas também pela dificuldade de sobrevivência, dado a necessidade de trabalhar para conseguir alimentos. Sobre isso, Oliveira (1976) expõe que as condições de existência são geradoras da identidade. O que concordamos se levamos em consideração as informações colhidas e percebidas na comunidade do Borel.

Dois dos entrevistados tem filhos e disse não educa-los da mesma forma que foram educados. O participante classificado aqui como **A**, chega a dizer:

Antigamente meu filho foi mior de que eu, porque meu filho tomou leite, tem o alfazema (maizena), teve uma vida, teve estudo, e eu não tive nada disso. Ele num foi mior do que eu? Foi, que minha vida, para eu chegar nessa idade, foi da cinco horas da tarde e arrumar pedra pá puder pegar um ratim pá puder comer né, e também ralando mandioca. Eu cansava de chegar no final de tarde, de quatro horas em diante, relando aquela mandioca, para fazer aquela farinha, aquele rolão, isso que eu tô lembrado. Meu filho teve estudo, teve tudo, eu nunca tive isso, comia leite, comia alfazema (maizena), comia esses negócios, comia carne, apois, era assim.

Aqui, podemos constatar na fala do participante, que atualmente está com 56 anos de idade, que realmente a vida na comunidade do Borel não é nada fácil, tendo o mesmo que por vezes a alimentar-se de ratos para continuar sobrevivendo. E conta como avanço, o fato dos seus filhos terem passado por melhores situações por tomar leite e comer maizena quando criança, coisa que ele não teve.

No sexto bloco da primeira etapa da entrevista respondendo sobre como eles se descrevem, o colaborador **A**, Expõe:

Eu sou um cara trabalhador, eu vivo da roça aqui, e da luta, lutando para comprar meu fatim e só isso, porque, tú sabe, se o cara não trabalha não come. Eu sei que é em tudo quanto é canto, mas tem uns canto mais difícil do que outro. Porque tem uns canto que tem muita fazenda, ao redor, por aqui tem fazenda aqui e aculá, e aqui não tem, para ganhar 20 ou 30 conto aqui, vc tem que ir lá para Valdelice, no Pau Brasil, desse mundo assim, porque ao redor não tem nada para você fazer. Aí eu, como sou um cara inteligente, planto meus pezin de banana, para na hora de minha precisão, aí agora pronto, eu vou se virando.

O participante **B**, se esquivando para não responder disse, “não tenho muito para falar não, só sei que passei muita dificuldade”. Já a participante **C** disse “sou muito conhecida na região”. E nesse caso, com situações que presenciamos e

também com relatos de moradores próximos, cabe expor para que possamos compreender por qual motivo a participante **C** é tão conhecida por todos da região. Sendo a mesma, uma menina que anda nas estradas sozinha indo à zona urbana ou retornando de lá, quase sempre altas horas da noite, numa distância de mais ou menos 8 km – desta forma, é evidente que todas as pessoas da região, de certo a conhece, ou já ouviram falar dos seus feitos. Uma senhora da zona urbana, que tem um sítio próximo à comunidade do Borel, relatou que:

Ela sempre anda a noite, indo ou vindo da cidade, que às vezes passa em frente do seu patrimônio por volta das 23, 24 horas da noite, principalmente retornando da cidade. Segundo essa senhora, o mais surpreendente é que as pessoas passam de carro ou de moto e não oferecem carona, não param para ajudar a moça. Pensamos até que ela prefere andar esse horário justamente para não se deparar com muitas pessoas.

Enquanto pesquisadores da comunidade, certo dia, ao deslocarmos da zona urbana para a comunidade do Borel, numa tarde, com objetivo de pegar as assinaturas do termo de uso de imagem, ao retornarmos para a zona urbana, por volta de 19 horas, já chegando próximo da cidade, encontramos a participante **C**, na estrada em direção ao Borel. Ela levaria mais de 3 horas para chegar até a comunidade. Estava caminhando segurando uma vara maior que sua própria altura, de calça, com uma saia por cima e de lenço amarrado na cabeça. Estávamos de motocicleta e nos oferecemos para leva-la até a comunidade, a mesma ficou com vergonha, mas aceitou.

Na solicitação de fala sobre comportamento e jeito de agir, se foi ensinado por alguém da família ou comunidade, o participante **A** expõe:

Rapaz, meu jeito de reagir, para mim chegar esse 55 anos, foi por minha cabeça mesmo, mas agente sempre aprende com os mais velho do nosso povo, tá entendendo, porque eu não tive pai bom, o pai era daqui, mas só que era esse tipo assim, que, era uma pessoa que não judiava da gente, mãe que eu nunca tive, eu tive mãe, mas num arcansei minha mãe. Agora para mim chegar esse 55, eu sempre fui por minha cabeça mesmo, sabeno o que é bom, e o que é ruim.

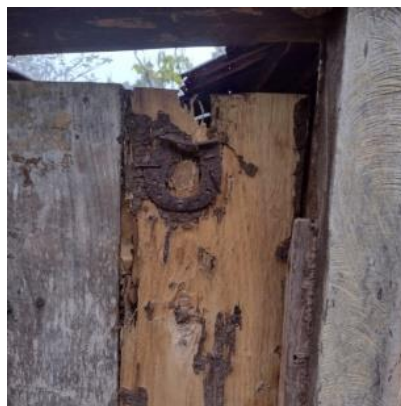
O participante **B**, respondendo a mesma indagação coloca que, “quem contribuiu no meu comportamento e jeito de agir foi minha mãe e a turma da comunidade, todo mundo contribuiu um pouquinho”. Já a participante **C**, respondeu de pronto, “a comunidade contribuiu no meu comportamento”. E o participante **D** mesmo resistindo a responder, afirmou “Minha mãe, todo mundo aqui”.

Na pergunta sobre aspecto da religiosidade, o colaborador **A** diz “não pratico nenhuma religião e não falo desse assunto com ninguém” O participante **B** diz admirar a religião católica, e afirma “passei a admirar a religião católica por causa de minha mãe que já faleceu”. Já os colaboradores **C** e **D** afirmaram não praticar nenhum tipo de religião

Foram perceptíveis algumas contradições nas falas dos colaboradores no que se refere aos aspectos religiosos, pois havia sempre um desvio do assunto e uma tentativa frequente de querer deixar evidente a neutralidade religiosa no bojo tanto da individualidade, quanto da coletividade. O que não anula a vivência prática nesse aspecto. Esses sim, visíveis até aos estranhos que chegam para visitar a comunidade.

O que se notou na etapa de observação, foi uma presença forte da religiosidade, principalmente fundamentado no sincretismo, tendo símbolos do candomblé e da religião católica como protagonista na prática diária. Como exemplo, quase todas as residências, em frente as suas portas de acesso tem plantas como arruda e espada-de-são-jorge, que eles acreditam espantar o mau olhado. Outro símbolo bastante comum é a ferradura de animal pendurada ou cravada na porta principal da residência, que em conversa com um dos moradores, explicou que o objetivo principal é para proteger a casa dos maus espíritos.

**Figura 5** – Ferradura de animal cravada em porta.



**Fonte:** Própria (2021).

**Figura 6** – Foto com morador da comunidade do Borel, e na porta verifica-se a presença de ferradura pendurada e marcação da cruz.



**Fonte:** Própria (2021).

Os moradores da comunidade do Borel utilizam de maneira frequente também a cruz desenhada em carvão na parte superior acima da entrada das portas dos quartos. E ao ser perguntado sobre o significado da cruz neste ponto específico da residência, o participante **B** diz: “Aprendi fazer isso com minha mãe, que dizia que quando agente faz a cruz na porta do quarto, agente fica protegido pelos anjos enquanto agente dorme”.

**Figura 7**– Cruz feita com carvão na entrada do quarto de uma residência na comunidade do Borel.



**Fonte:** Própria (2021).

Apesar dos participantes serem resistentes em citar sobre a religiosidade que vivenciam, e muitas vezes até negar que praticam alguma em específico, não deixa de ser evidente no dia a dia dos membros da comunidade, tendo em vista que são símbolos que se fazem presentes em todos os ambientes. Isso, em nossa compreensão pode demonstrar não uma situação de medo em expor a religiosidade, mas de proteger algo que os fortalece e que se configura como um aspecto central

na definição da identidade étnica. Bispo, escrevendo sobre os caminhos da religiosidade afro-brasileira, diz:

Há muitas formas de se exercer poder. Pode-se impor, pode-se coagir, pode-se corromper, pode-se persuadir, pode-se seduzir, pode-se manipular. Em muitas situações todas essas possibilidades podem entrar em jogo do poder, principalmente quando se trata da questão religiosa (BISPO, 2011, p.158).

Vislumbramos a religiosidade como algo que pode por parte dos moradores da comunidade do Borel definir quem pertence ou não ao grupo. Assim, concordamos com Silva (2004, p.82) quando diz: “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre, as operações de incluir e de excluir”. O que equivale à definição do outro, assim como a definição de si enquanto ser pertencente a um grupo específico e possuidor de características coletivas. A auto definição e a definição do outro têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, proteção do território contra inimigos externos, interesses econômicos e políticos (MUNANGA 1994). Sendo a afinidade de características uma maneira de fortalecimento do grupo enquanto unidade.

**Figura 8** – Imagens de santos no interior de uma casa do Borel.



**Fonte:** Própria (2021).

Desta forma, compreendemos ser a religiosidade, um dos aspectos balizadores na estruturação histórica da identidade étnica entre os moradores da comunidade estudada. Em uma conversa descontraída, o participante **B** afirmou que, no passado, seu bisavô, junto com outros antigos moradores faziam rezas, ladainhas e samba, além da devoção ao Bom Jesus e Cosme e Damião, comemorado sempre entre os meses de setembro e outubro. E afirma, “meu pai dizia que era tudo com muito respeito e todos ajudavam para fazer às rezas”.



Coletividade, a solidariedade, o respeito, a hierarquia familiar, os festejos e rituais sagrados estão imersos em formas simbólicas (THOMPSON, 2011). Um dos relatos mais impressionante sobre religiosidade ou espiritualidade foi dito pelo colaborador **B**;

Faz uns três anos que estou morando com meu irmão e com minha irmã nesta casa, e antes agente morava em outra casa que ficava mais acima (neste momento aponta para uma parte mais alta da comunidade). Saímos de lá por causa da casa, que de vez em quando pegava fogo do nada. As coisas de casa começava a pegar fogo, e depois de muito acontecer, minha mãe, que ainda estava viva decidiu sair. Então construímos essa casa e deixamos a de lá. A última vez que pegou fogo queimou tudo que estava no meu quarto, até meu dinheiro que estava juntando para comprar uma moto (PARTICIPANTE B).

Em conversa que tivemos com o esposo de uma mãe de santo do município de Itagi, o mesmo relatou que a esposa dele (Mãe de Santo) chegou a ir nesta casa que pegava fogo para fazer alguns trabalhos de limpeza, mas que pelo jeito não conseguiu resolver. Ainda disse, “chegamos a ir de noite para tentar ajudar aquela família, limpar a casa”. O fato é que, por conta desse acontecido, quatro a cinco famílias, que moravam nessa parte mais alta do Borel, abandonaram suas casas e construíram outras na parte mais baixa da comunidade ou foram morar na zona urbana. Alguns associando o ocorrido aos demônios, já concretiza o sincretismo religioso, visto ser essas explicações, atribuindo culpas as divindades afro-brasileiras serem de caráter de religiões ocidentais. O que diverge da cultura africana onde as entidades espirituais não são tidas como inimigos e maus.

**Figura 9** – Casa abandonada na parte alta do Borel



**Fonte:** Própria (2021).

**Figura 10** – Casa abandonada após eventos que assustaram os moradores.



**Fonte:** Própria (2021).

Diríamos que, apesar da negativa, a religiosidade é determinante na caracterização de identidades na comunidade, não podendo, contudo, ser ignorada nem relegada, pois os símbolos religiosos são bem presentes no fazer prático das famílias da localidade. Assim, o sistema de crenças revela a construção de uma relação com códigos religiosos vivenciados de forma comunitária. A transcrição de algumas narrativas místicas ditas por colaboradores durante o trabalho de campo é significativo em termos de fundamentos da ocupação da terra, da construção da territorialidade e principalmente das identidades, individuais e coletivas.

Na segunda parte da entrevista, a ênfase foi na tentativa de desvelar as relações internas dos participantes na comunidade e a importância desta enquanto território na construção da unidade coletiva e identidade étnica. Nesse aspecto, perguntando sobre como é a vida na comunidade, o participante **A**, expõe:

Rapaz, para eu viver aqui dento, eu tem di tabaiar um dia pá um, um dia pá oto, é só isso, pá puder eu viver né, que eu num tem de panhar nada dos oto, aí tenho que dá meus pulo pá ganhar meu real pá eu todo sabo comprar meu fatim. Mesma coisa que eu tô num canto, eu tô no outro, porque eu preciso ganhar meu trocadim. Onde tem um biscate eu tô.

O que se observa na fala do participante **A**, e que já foi pontuado em outro momento é que a comunidade não proporciona meios de sobrevivência de forma a contribuir para que haja qualidade de vida e suprimento das necessidades básicas. Isso pode ser confirmado na fala do participante **B**, que respondeu ao mesmo questionamento, dizendo:

A vida na comunidade é de muito trabalho, saio cedo, pois o serviço é muito distante e vou montado em um burro até lá, que é uma hora e meia de percurso. Aqui não tem muita coisa para fazer, e quando estou aqui, faço algumas coisas, como cuidar dos meus cachorros e limpar a beira da casa (PARTICIPANTE **B**).

A participante **C**, disse que a vida dela na comunidade é cuidar da casa e do seu filho, que tem um ano de idade. Já o participante **D** disse: “trabalho quando acho alguma coisa e quando não acho, fico por aqui”. Perguntamos se o trabalho que ele encontra é de ganho nas fazendas da região? Ele disse que sim.

Outro questionamento presente no roteiro da entrevista semiestruturada foi se os participantes reconhecem a comunidade do Borel como uma unidade que faz parte da história individual de cada um? A resposta do participante **A** foi: “Rapaz, eu acho que sim, porque na realidade o povo aqui é tudo parente, então esse sentimento eu tenho”. Configurando assim, um marcador da pertença. A percepção de pertencimento ao grupo se dá na socialização (OLIVEIRA, 2004). É no contato com os membros da comunidade e com pessoas da região, assim como da zona urbana que surge a identificação e unidade.

O participante **B**, disse, “claro que reconheço a comunidade como se fosse uma unidade, nasci e me criei aqui né, faz parte de mim”. A participante **C** não percebe a comunidade como uma unidade. Já o participante **D**, disse que sim, e afirma “a comunidade é uma unidade, faço parte de tudo isso, então isso me faz também”. Ao usarem aspectos da identidade étnica para caracterizarem a si mesmos eles estão sendo étnicos no que se refere à organização grupal (BARTH, 2011). Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011) afirmam, que os grupos étnicos apesar das modificações culturais nunca deixam de delimitar uma unidade contínua. É justamente o que se percebe na Comunidade do Borel, que ao longo dos anos veio se reconfigurando, principalmente no que se refere às práticas culturais, mas que ainda mantém um sentimento forte de unidade. Assim, podemos concordar que: “Os grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isso é, diferenças culturais persistentes” (POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J., 2011, p.196). Sendo necessária a continuidade das diferenças nas diversas práticas simbólicas.

Compreendemos que o sentimento de unidade entre os membros da comunidade do Borel, é algo que baliza e direciona as identidades étnicas

construídas internamente, fazendo com que haja uma compreensão coletiva de que o outro faz parte da concretude geral do pequeno território que dominam e vivem.

Todos os participantes foram questionados sobre em que se acha diferente dos outros membros que compõe a comunidade. Na resposta, o participante **A** diz que, “cada um é de uma forma”. O participante **B** disse: “Acho que a personalidade”. A participante **C** não soube responder, e o participante **D**, disse: “Sou parecido com todos daqui”.

Apesar de terem uma consciência significativa sobre o sentimento de unidade, gerando harmonia no fazer prático do dia a dia, que se configura na solidariedade, percebida principalmente na ajuda mútua na criação das crianças entre as famílias, eles compreendem que são seres singulares na composição de um todo comunitário. Ferreira (2009), diz que a identidade não se reduz a distinguir-se de outros, mas é uma referência sobre a qual as pessoas se formam. Assim a identidade é refutar alguns aspectos e símbolos de alguns e vivenciar e proteger de outros.

Na terceira parte do roteiro da entrevista o objetivo foi saber como ocorre à relação dos moradores da comunidade do Borel com pessoas da região do entorno e da zona urbana, assim como tentar identificar nas falas dos participantes possíveis conflitos fundamentados em bases étnicos raciais.

A primeira pergunta foi: Costuma ir com frequência à cidade e para quê? O participante **A**, respondeu da seguinte forma: “Só quando tem precisão, fazer minha feira, fazer meus compromissos, fazer meus documentos, só isso, porque bestar não vou”. O participante **B**, disse: “Vou para resolver algum compromisso, fazer feira, alguma coisa assim”. A participante **C**, afirma: “Sim, para comprar algumas coisas e pegar dinheiro”. E o participante **D** disse: “Sim, resolver alguma coisa, buscar ou levar alguém de moto às vezes” Perguntamos se tinha transporte, ele disse, “não, mas uns dois meninos da comunidade tem moto e empresta quando preciso”. Ou seja, eles compartilham os meios de transporte.

Fica evidente nas falas dos participantes que existe uma dependência muito grande dos mesmos com a zona urbana, principalmente do ponto de vista da

segurança alimentar, sendo o lugar que eles adquirem através da compra o suprimento semanal.

Sobre se há dificuldade de interagir com as pessoas da zona urbana. O participante **A**, coloca: “Não tenho, para mim todo mundo lá é igual”. O participante **B**, disse “não há dificuldade”. Já a participante **C** diz ter dificuldades, sem querer apontar quais, e o participante **D**, diz: “Tenho dificuldade de pegar amizade”.

No questionamento se já sofreu preconceito e discriminação, o participante **A** afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito, já os outros três disseram já terem sofrido algum tipo de discriminação. O participante **B**, expõe: “Já né, muitas vezes, mas não me importo”. O que confirma as afirmações de Barth (2010) ao dizer que as fronteiras das unidades étnicas geram atitudes de desrespeito em relação às diferenças do outro. E perguntados se já ouviram falar alguma coisa negativa sobre a comunidade do Borel, dita por pessoas na zona urbana, todos os entrevistados afirmaram que sim. Dois dos participantes da pesquisa não quiseram expor sobre as palavras ofensivas direcionadas aos membros da comunidade. A colaboradora **C**, diz já ter escutado por várias vezes que as pessoas do Borel não prestam. E o participante **D**, expõe: “Sim, falando mal das pessoas que moram aqui, chamando de negros estranhos, bichos do mato e quilombolas”.

Compreendemos que há uma incongruência na fala do participante **A**, que disse não sofrer preconceito, mas que já ouviu pessoas dizerem coisas negativas direcionadas aos moradores da comunidade ao qual pertence. Assim, numa análise mais cuidadosa, podemos afirmar que a comunidade do Borel é estigmatizada de forma constante nas relações interpessoais e interétnicas, sendo seus membros mal interpretados, sofrendo preconceito, discriminação e racismo.

## CAPÍTULO IV - COMUNIDADE RURAL DE AFRODESCENDENTES

### 4.1 O Borel enquanto grupo étnico

Este é um momento propício para o fomento de debate reflexivo sobre a problemática da pesquisa, com o que foi percebido no campo de estudo, nas observações, assim como nas conversas informais com moradores da comunidade do Borel, de regiões do entorno e da zona urbana, e também nas análises dos dados com o aporte teórico bibliográfico.

De fato não é nada fácil ser reconhecido ou reconhecer os traços étnicos ao qual um determinado grupo possui, pois a etnicidade como diz De Santana (2017) abarca elementos como a religião, laços de sangue e língua, assim como ideologias. Sendo que os grupos étnicos buscam construir as identidades valorando o território, laços de sangue e de descendência (JÁCOME, 2020). E que de certa maneira direciona as afinidades e vivências em prol do respeito à cultura, religião, modo de vida ou origem comum. Os grupos étnicos possui um campo de comunicação que se identifica e é identificado por outros (POUTIGNAT, P.; STREIFF – FENART, J., 2011). Não havendo reconhecimento nem identidade sem a percepção e participação de outros diferentes de nós.

Há muito tempo, vários dos moradores da zona urbana se referem às pessoas do Borel, como sendo de uma comunidade singular, por reconhecer que existem ali diferenças empíricas na vivência do dia a dia, conferindo-lhes particularidades na forma de se colocar tanto na individualidade quanto na coletividade, o que denota que as falas de afirmação étnica nesse caso percebida pelos pesquisadores de pessoas que não pertencem ao grupo em destaque, deixaram nossas observações e análises ainda mais complexas, pois se observa que pessoas externas reconhecem os moradores do Borel como tendo uma identidade étnica específicas, chamando-os inclusive de quilombolas.

Partindo dos estudos de Barth (1969) a característica definidora dos grupos étnicos é a de serem tipos organizacionais definidos por categorias do tipo “nós” e

“outros”. Como exemplo, uma professora do único colégio estadual do município comentou em uma roda de colegas de profissão “conheço muita gente dos quilombolas. Eles são daquele jeito porque são quilombolas”. E aqui ela estava se referindo ao fato dos moradores da comunidade passar por dificuldades financeiras e também educacionais ao frequentarem as aulas em escolas do município.

Nesse caso, a identificação pelo outro, surge a partir do desenvolvimento de paradigmas preconceituosos, vendo e considerando pessoas que pensam serem quilombolas não como diferentes no que se refere aos aspectos étnicos e culturais, mas inferiores enquanto seres humanos. Assim, o reconhecimento ao qual confere a identificação étnica que parte de sujeitos que não pertencem à comunidade do Borel, gera estigmas que precisam ser combatidos.

O que ficou evidente nesse estudo, não foi à inferioridade de ninguém, mas a diferença cultural que há entre os moradores da zona urbana e os da comunidade estudada. E esse aspecto pode sim ser entendido como algo que baliza a identificação, assim como a etnicidade. Dessa forma, “[...] não se podem definir os grupos étnicos a partir de sua cultura, embora, a cultura entre de modo essencial na etnicidade” (CUNHA 1987, p. 100-1). Tendo destaque nesse processo principalmente os aspectos ligados à religiosidade, fundamentado no sincretismo entre o candomblé e o catolicismo. Santos, coloca que:

Seguramente, é possível afirmar que diferenças de base étnica sempre existiram se entendermos etnia ou etnicidade como um conjunto de crenças religiosas, práticas culturais, língua e representações de mundo partilhado por um determinado grupo. Portanto, em uma primeira acepção podemos dizer que uma identidade étnica está ligada a cultura de um povo. Por sua vez, a cultura de um povo ou conjunto de suas práticas culturais constitui parte substantiva daquilo que chamamos de identidade (SANTOS, 2010; p.1).

Diante desta questão histórica, que é a construção quase que involuntária de identidades de grupos em oposição à diferença, o que podemos entender em certa medida com a pesquisa realizada na comunidade do Borel, e percebida nas relações dos componentes com os moradores da zona urbana, é o fato da existência de estigmas que diminui o outro a partir de elementos étnicos. Nesse sentido, portanto, o que defendemos através deste estudo é a construção de mecanismo de contato que prime pelo respeito. “As diferenças, o hibridismo, mas também as similitudes precisam ser valorizadas para a superação do preconceito, do racismo,

marginalização dos direitos e desigualdade social” (SANTANA, 2022, p.7). Por sua vez, significa para nós enquanto pesquisadores conviver de forma pacífica diante da etnicidade de outro.

Com certeza, o Brasil e os brasileiros já pagaram um preço muito alto por conta da discriminação institucionalizada com raízes profundas advindas ainda do período colonial, onde a cultura e identidade ou identificação europeia foi colocada como a única e de valor aceitável. Santos exemplifica essa situação ao dizer:

Portanto, filhos de brancos com indígenas foram chamados de mamelucos, filhos de indígenas com negros, de cafuzos; e de brancos com negros, de mulatos. Na realidade, todas essas categorias variavam de lugar para lugar, de época para época, e apontavam para sua inferioridade em relação aos brancos. O termo mulato, por exemplo, associava-se a “mula” ou a “jumento” sinalizando a mistura de brancos com negros como “espécie” diferente, logo prejudiciais umas as outras. A partir do século 19, com a intensificação das imigrações de europeus e asiáticos para o Brasil, o caldeirão étnico – racial brasileiro sofreu ainda mais diversificação, porém, a ideia de que o povo brasileiro era constituído por “três raças” permaneceu como mito de origem (SANTOS, 2010; p.4).

Nisto, entendemos como é de fundamental importância trazer discussões a respeito da identidade étnica, levando-se em consideração que por muito tempo, ascendentes indígenas e africanos foram reduzidos a uma espécie diferente da humana.

Buscamos também, nas reflexões sobre o estudo das identidades entre os membros da comunidade do Borel uma forma de falar sobre a condição dos grupos de afrodescendentes em meio às discussões históricas sobre o racismo, e de como apesar das dificuldades relacionais, as minorias no que se refere aos direitos de cidadania, continuam lutando, tendo em vista que permanece a existência de olhares preconceituosos que se concretizou com a prática da escravidão por mais 350 anos aqui no Brasil, e mesmo com todo o avanço produzido pelas interações ao longo da história, ainda continua existindo na atualidade.

Representantes de comunidades étnicas como a estudada e outras minorias, vem sendo responsáveis pelo surgimento de leis e relações políticas mais saudáveis na sociedade brasileira, ou seja, tem sido as minorias com suas experiências coletivas e seus modos de vida diferenciados que estão abrindo campos de ruptura aos modelos sociais instituídos, permitindo a discussão sobre alteridade e reconhecimento do outro. Desta forma “[...] as identidades não podem ser vistas



como um todo coerente, mas caracterizadas por ambiguidades, contradições, continuidades e descontinuidades” (MUNGOI, 2012, p.137). Nesse sentido, a um consenso entre os brasileiros, pelo menos dos pretos e pretas no país, de que marcadores como a religiosidade e a cor da pele remetem em várias situações a um lugar de desprestígio por pessoas preconceituosas e racistas. O que é confirmado ainda por Mungoi ao dizer que, os negros são submetidos ao preconceito. E afirma:

Assim, as marcas emblemáticas como insígnias, signos, vestimentas, assim como traços como os tipos de cabelo, penteados, festas, tornam-se relevantes para a construção de um discurso identitário destes sujeitos sociais. No processo da construção desta identidade entram em jogos múltiplos elementos que se constroem e reconstroem continuamente. Logo, tanto os aspectos objetivos como os subjetivos são fundamentais e complementares para a análise dos jogos das identidades destes sujeitos (MUNGOI, 2012, p.136).

Na construção das identidades dos sujeitos sociais, e aqui a nossa compreensão é que são aqueles que interagem em contato com outras pessoas e grupos, é definido na continuidade, ou seja, é algo que não tem fim, nos apontando que não há identidade imutável, mas que se elabora ao longo da existência e das relações. E nesse sentido, reforçamos a necessidade de superação de estigmas negativos fundamentados nos aspectos étnicos ou culturais.

Consideramos que o momento atual, assim como a temática exposta aqui, nos proporciona uma oportunidade para trazer discussões a cerca das lutas em prol da causa negra de uma forma mais elaborada, sem precisar estar sempre na defensiva, mas construir relações que fortaleçam a identidade enquanto coletivo. E ciente que o processo de reconhecimento enquanto grupo étnico precisa ser interiorizado e até buscado pelo grupo estudado, assim, tornou-se necessário um trabalho que mantivesse uma relação entre o pesquisador e a comunidade, para que pudesse ser analisado e questionado como ocorrem identidades étnicas, e as trocas culturais ao longo do tempo, mas também como se estabelecem e mantem as fronteiras entre o grupo estudado e os outros.

A superação de estigmas pressupõe olhar para o diferente, mas sem inferioriza-lo, e numa atitude de respeito e alteridade, colocar-se no lugar do outro. Silva (2019) coloca como sendo importante ressaltar que o negro é marginalizado primeiramente porque é negro, e que nem a miscigenação nem a ascensão social foram capazes de anular o preconceito racial no Brasil.

Não se pode entender a identidade como algo estático, nem podemos colocar como irrelevante as relações entre grupos diferentes. Assim como influenciemos na cultura e identidade do outro, o outro influencia na nossa. Silva (2019) coloca que a identidade não é atemporal e imutável em seus traços culturais, mas resulta da ação e reação entre grupos, num tipo de jogo que não para de se alterar. Com isso, compreendemos que a identidade é resultado de uma construção contextualizada, viva, contínua e constante também com o diferente, não só com os membros da sua própria comunidade, sendo, portanto, a interação uma forma de fortalecer e reestruturar tanto a identidade do grupo, quanto a identidade individual. Assim:

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de “campos sociais” tais como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos, Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos (SILVA, 2014, p.30).

Ninguém nega o fato de que temos nossas preferências de agrupamento, escolhas a serem feitas, ou seja, com quem nós iremos nos aproximar e conviver. Certo que também nascemos em meio a um grupo que carrega simbolismos culturais que molda o fazer prático de todos os componentes. Isso não é diferente na Comunidade do Borel, onde há uma cumplicidade que mesmo ocorrendo movimentações de dentro para fora, assim como o retorno de pessoas após tempos distante da comunidade, ainda preservam valores que revelam códigos que vivenciam de forma comunitária, como exemplo já colocado nas análises dos dados da pesquisa, podemos citar a religiosidade. Silva (2014, p.40) ainda afirma que “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade”. A diferença é reproduzida por meio de sistemas simbólicos e é justamente essa diferença que provoca aproximações e afastamentos.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (SILVA, 2014, p.40).

A diferença entre grupos étnicos pode ser construída de forma negativa, como na situação em que uma comunidade é sempre vista realçando aspectos de forma pejorativa, marginalizando o outro como forasteiro e menor, ou então celebrando a

diversidade, a heterogeneidade, vendo a diferença como algo enriquecedor no cotidiano. E o que notamos na situação estudada, sobre identidades étnicas dos moradores do Borel, é que há uma estrutura negativa que se organiza fundamentalmente na marginalização e preconceito para com os membros do local. O que pode gerar consequências deletérias, nas identidades, quanto nas próprias fronteiras étnicas.

A situação de construção da identidade que nega e marginaliza o outro grupo, já foi amplamente conhecida pela humanidade e condenada, onde tivemos como exemplo a fatídica transformação de seres humanos em escravos em várias partes do mundo, em especial no Brasil, mas também episódios como o holocausto dos judeus na Alemanha, e o extermínio dos índios em várias nações. Desta forma, compreendemos ser necessária a defesa, tanto das identidades étnicas, quanto das relações entre pessoas e grupos que vivenciam simbolismos diversos, assim como a construção das diferenças de forma respeitosa, também na oposição.

Sobre a diferença na construção da identidade, Tomaz Tadeu da Silva coloca quê:

Essa concepção de diferença é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades, tendo sido adotada por muitos dos “movimentos sociais” anteriormente discutidos. A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora (SILVA, 2014, p.50,51).

Já é mais que evidente que a identidade étnica se dá na interação entre quem pertence, mas também com os que não fazem parte do mesmo grupo, que por sua vez gera uma espécie de auto identificação, mas também de uma identificação pelos outros. Contudo, não há nenhum impedimento para a construção de relações saudáveis com os diferentes em qualquer aspecto, desta forma, a diferença pode ser construída de uma maneira positiva e celebrando a diversidade.

A relação entre identidades étnicas diferentes é um elemento importantíssimo de análise, pois toda a discussão referente aos pontos de contato quase sempre converge para conclusões que a diversidade é marcada pela forma que o outro nos identifica, mas que também pressupõe a auto identificação, através do alinhamento com marcadores específicos.

Milena Regina de Paula Silva (2019) nos apontam caminhos para entender a formação de grupos étnicos ao dizer que a identidade é compreendida como relações que acontece socialmente, criando identificação, não sendo ela imutável no que se refere à cultura (SILVA, 2019). O que concordamos, dado as diversas formas que os contatos ocorrem.

As relações sociais entre pessoas e grupos com características étnicas diversas como é o caso dos membros da comunidade do Borel e moradores da zona urbana do município de Itagi mostram que os elementos constitutivos das identidades são mecanismos voláteis na formação de características personificadas, tanto dos grupos quanto dos indivíduos, sendo esta modificada, mesmo com a manutenção das fronteiras. Ainda Segundo Silva (2019, p.8) “[...] Toda a identidade é construção social e histórica, sendo a demarcação de identidades ferramenta que pode objetivar autoproteção, defesa de interesses e reversão da opressão”.

Entendemos ser a Comunidade do Borel um grupo étnico que mantém as suas particularidades, que ao longo do tempo foram sendo alteradas pelas relações sociais, tanto interna quanto externamente, gerando práticas culturais como um todo incongruentes, onde podemos perceber dissonâncias entre os conhecimentos repassados e as práticas do dia a dia. Mas com certeza, com marcadores, aspectos e mecanismos que reforçou e ainda reforçam a unidade, e vivências que marcam a pertença dos integrantes.

O reconhecimento das diferenças específicas de organização enquanto grupo, a forma de subsistência e de suas práticas religiosas representam possibilidades do resgate aos aspectos mais estruturados da história dos moradores, que pode ser considerado estratégia de resistência aos desmandos dados pelas relações com determinações vinda de fora.

Vemos como agregador a junção da mobilização política aos aspectos étnicos na superação, não só de estigmas preconceituosos, mas também como estratégia de garantia de direitos e participação na construção efetiva de uma sociedade de respeito, da igualdade e da alteridade. Silva, em seus estudos sobre identidade e diferença acrescenta:

A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que

traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da pertença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (nós e eles”). Classificar (“bons e maus; “puros e impuros”, desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2014, p.81, 82).

Evidentemente, o que podemos depreender das colocações do autor ora citado, é o fato de que as diferenças são geradas através do contraste, ou seja, das relações e interações de nós com os outros. Os traços culturais que demarcam as fronteiras podem ser alterados, e as características culturais de seus membros podem igualmente serem reformuladas (POUTIGNAT, P.; STREIFF – FENART, J., 2011). Sendo que as fronteiras étnicas são demarcadas por diferentes signos culturais, que são a todo tempo reformulados pelas próprias vivências no espaço e no tempo.

Atualmente várias comunidades vivem num processo constante de ressignificações étnicas, reivindicando símbolos. E a forma como a Comunidade do Borel vem representando a sua pertença no cotidiano, inclui o componente religioso que diz muito sobre a reestruturação de um legado histórico, que se aprende com as demandas ocasionadas nas relações principalmente com os diferentes.

Vivenciar relações sociais com os “iguais”, fazendo referência é lógico, aos membros de um mesmo grupo, assim como a membros de grupos diferentes, requer intencionalidade, organização grupal, mas também vivências involuntárias de símbolos e mecanismos culturais, sendo nessa dinâmica que ocorrem também as devidas separações, contrastes ou atualizações, e ao mesmo tempo o fortalecimento de pertencimentos. Sobre isso, Silva se posiciona colocando que:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” (SILVA, 2014, p.82).

Entender quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo étnico, com certeza não é nada fácil como muitos racistas e preconceituosos tentam fazer, reduzindo à identidade a questão de cor da pele, ao território e até mesmo a uma sub-raça humana. Silva (2014, p.13), continua a dizer: “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença são estabelecidas por uma marcação simbólica

relativamente a outras identidades”. Assim, as diferenças vão se dando no decorrer das vivências culturais.

Podemos compreender que é nas relações entre os membros de um grupo, e do grupo com os de fora que são estabelecidas as oportunidades das identidades serem estruturadas, sendo por este motivo a afirmativa de que a identidade é relacional e estabelecida pelos símbolos. Mas torna-se relevante citar e realçar no debate sobre a construção das identidades que historicamente tem sido amplamente discutido, o fato que tudo se dá em oposição a outras vivências e marcadores.

Cumpram um papel importante na comunidade do Borel à função das relações, que gera um intercâmbio cultural, e conseqüentemente conflitos, mas também respeito e aceitação interna, inclusive de possíveis diferenças em alguns pontos do legado simbólico grupal, que de certa forma não deixa de ser um alargador de marcadores e da pertença. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p.188):

Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos.

O autor supracitado continua dizendo:

[...] os recursos simbólicos (a língua, o território, a tradição cultural) utilizados para marcar uma posição significativa entre Nós e Eles podem ser distorcidos ou reinterpretados, mas, de um certo modo, eles “já estão lá” desde sempre e disponíveis para os atores (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011, p. 164).

Há uma relação intrínseca entre os moradores de uma comunidade com os símbolos e marcadores de um território, onde muitos desses símbolos podem ser reformulados, gerando formas diferenciadas de se relacionar com o novo, mas todos os símbolos, velhos ou novos continuam disponíveis para que, a qualquer tempo sejam naturalmente usados ou reinterpretados a bem das relações. Assim, em nossa compreensão, os recursos simbólicos na comunidade do Borel, levando em consideração os dados coletados e interpretados no presente estudo, servem como balizas para novas estruturas identitárias ou defesa da herança cultural, das relações e das fronteiras étnicas, sendo a religião protagonista nessa estrutura.

A herança cultural é algo saliente, observado na Comunidade do Borel, onde seus membros ainda continuam preservando vários aspectos e comportamentos dos primeiros moradores da localidade, a exemplo disso são os relacionados à religiosidade, pois eram desenvolvidas festas para santo, rezas de curas. E hoje, mesmo essas festas não ocorrendo, a religiosidade continua presente com símbolos visíveis a qualquer estrangeiro ao grupo na vida comunitária, tendo os moradores, boas lembranças dos festejos religiosos que ocorriam ali. O que confirma que os recursos simbólicos marcam a história de existência do grupo, mas que podem ser reinterpretados pelos moradores atuais da comunidade.

Reconhecer que membros de uma comunidade específica são diferentes de representantes de outros agrupamentos, incluindo aqui os moradores da zona urbana, é entender que os símbolos compartilhados apresentam dissonância, significativas que elabora e se configura com a vivência de elementos simbólicos desenvolvidos entre os que compartilham as relações internas ou externas. Desta forma as discussões sobre identidade étnica e símbolos culturais precisam ser reforçadas no imaginário e nas vivências das populações com características tradicionais. Não que sejam demasiadamente ingênuos, e sim pelo fato de que os de fora não podem estar só nesta ceara de identificação do outro, pois naturalmente são mais adaptados a um estilo de vida competitivo que massacra, recrimina e diminui o diferente por ter aspectos culturais e étnicos divergente. Sendo a identidade algo que se estrutura dessa oposição. Como informa CUCHE (1999, p.182) “A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”.

Entender questões relacionadas às relações que fortalecem e diferencia a identidade se tornou um dos aspectos fundamentais na atualidade, talvez pela relevância que sempre se deu ao fato de entender o paradoxo de pontos positivos e negativos de como o outro percebe determinado grupo. Não sendo fácil primeiramente se chegar a qualquer resolução, além de que, qualquer tipo de estudo pressupõe soluções que não se convergem com nenhum outro, pois os detalhes das investigações são totalmente percebidos por pesquisadores que possuem com certeza limitações no campo do objeto, como também das aspirações.

Daí a concordância ao exposto nos estudos de Fredrik Barth sobre identidade étnica, que prioriza as relações sociais entre diferentes grupos, pois percebe a identidade como balizador de características coletivas, não sendo como primordial documentar rigidamente os traços culturais, mas encontrar aqueles vistos como afirmação da distinção entre Nós e Eles.

É evidente que a ligação história, com o papel da família cumpre uma função importantíssima no reconhecimento, fortalecimento e ressignificação da identidade étnica e sentimento de unidade, e é justamente por esse motivo que abordamos a identificação étnica dos participantes da pesquisa, e desta forma, tentando compreender as fronteiras étnicas do grupo, assim como a própria pertença, o que pode corroborar também para a identificação dos símbolos que realçam a etnicidade comunidade.

A alusão feita ao mecanismo dos símbolos e sua importância numa estrutura étnica dada, é no sentido de que, mesmo sendo algo com significados cambiantes permanecem como sendo fundamental através da própria vivência ou prática relacional, na estruturação e definição das identidades. Para colaborar com essa discussão, Ajari (2018), escrevendo sobre os Tswanos, um povo bantu da África do Sul, diz que a identidade se encontra em construção através de atividades práticas.

Diante do exposto, entendemos como sendo necessário pontuarmos o ser, o querer e o acreditar numa suposta raiz etnocêntrica, que no caso específico, leva em consideração os laços consanguíneos e culturais, principalmente o religioso. E ao nascer e crescer em uma estrutura de comunidade que é carregada de elementos dos simbolismos culturalmente desenvolvidos, isso serve como marcador de uma característica que vai se moldando ao longo do tempo e das gerações.

Mas, como já foi pontuado, nada impede que todos os simbolismos sejam reestruturados na vivência das relações internas e externas. Dessa forma se articula estruturas complexas que, como afirma Silva (2014, p.18) “[...] os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. E foi levando em consideração essas características, que de certa forma pertencem ao campo da narrativa que abordamos os elementos de compreensão identitária na Comunidade do Borel.



## 4.2 A compreensão identitária na comunidade do Borel

Por muito tempo, ser suspeito de carregar qualquer resquício de herança genética africana ou afro-brasileira foi visto como algo ruim, como se fossem considerados seres humanos inferiores, diferente de pessoas provenientes da descendência europeia. E essa afirmativa, em nossa compreensão não precisa levantar dúvidas, visto que a história já nos aponta evidências suficientes, que são conhecidas por toda a humanidade.

Como exemplo, pessoas foram retiradas contra vontade de vários países do continente Africano e levadas a outras partes do mundo para serem escravizadas, incluindo aqui o Brasil, servindo a toda sorte e desejos de pessoas brancas. Pinsky (2018) coloca que na escravidão, o homem é transformado em propriedade de outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder de decisão, podendo ter vontades, mas não realiza-las. As atitudes de desrespeito e tentativas de anulação do outro foi perceptível no período da conclusão deste estudo, que ocorreu logo após as eleições de 2022, sendo no período eleitoral que estampavam nos noticiários vários casos de coação por parte dos patrões sobre seus funcionários para votar em candidatos específicos. Práticas que são consideradas da escravidão moderna, e que piora o quadro de exclusão e desigualdade iniciada na colonização.

Aqui no Brasil a escravidão, o racismo e a marginalização, inicialmente imposta aos africanos trazidos pelo poder da força e posteriormente aos descendentes foram ainda mais evidentes do que em muitas partes do mundo, levando-se em consideração o tempo de escravidão, que perpassaram mais de trezentos e quarenta anos, sendo um dos últimos países a abolir essa prática, mas que nos dias atuais ainda tenta manter de forma latente os negros brasileiros em uma condição de inferioridade, haja vista a existência de lutas da causa negra por igualdade de direitos e oportunidades e para que se acabe com ações discriminatórias, escravistas e racistas que foram e são estruturadas e institucionalizadas no país, possuindo raízes difíceis de serem removidas.

Diante disso, entendemos como relevante, mesmo falando de uma comunidade de zona rural, trazer no bojo deste trabalho essas questões históricas, ainda mais porque, o lócus do estudo carrega características de uma comunidade quilombola, sendo composta por pessoas negras, e serem possivelmente os

primeiros moradores do município, e ainda residir em um vale no topo de um entre morros de difícil acesso, mantendo marcadores religiosos específicos. Cabe salientar que não são apenas essas características que define uma comunidade ou agrupamento, seja rural ou urbana como quilombola, podendo ter outros elementos que se soma, e certamente o processo de alto reconhecimento como remanescente de quilombo é uma característica primordial, coisa que não se verifica na localidade estudada.

Compreender que muitos dos agrupamentos de pessoas negras, espalhadas pelas mais diversas regiões do país, corresponde sistematizações de fatos que a história não pode deixar como irrelevante, que foi o transporte forçado de africanos e africanas a terra do pau brasil. Os trabalhos e castigos durante a escravidão, assim como a formação de quilombos desde o período colonial, é muito relevante, na medida que se torna uma espécie de estratégia para a própria sobrevivência. Pinsky, coloca quê:

Nada mais equívocado do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Essa distinção não é acadêmica, mas dolosamente real e só a partir dela se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo do verbo – e implica fazer algo contra e a despeito de sua vontade (PINSKY (2018, p.23).

Assumir e não ter vergonha dos traços, característicos e práticas afrocentradas que pessoas ou comunidades possuem, mantem ou carregam, não é e nem deveria ser encarada como sendo algo que diminui o ser humano para uma categoria de raça inferior. Sendo necessária a resistência a essa relação história, tanto pelos negros quanto por pessoas brancas, onde muitos de origem europeia tentaram ou tentam reduzir outros indivíduos a partir de qualquer elemento da diversidade étnica, fenotípica, origem e cultural.

Se afirmar como sendo afrodescendente pressupõe entender que o negro não precisa se esconder por não pertencer a uma origem europeia branca, pois cada grupo humano seleciona símbolos e características que os unem. Munanga (1994) destaca que a identidade é algo presente em todas as sociedades humanas, e todo grupo, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos de sua cultura para definir a contraposição ao alheio. Confirmando assim o entendimento de que ser europeu é apenas mais um marcador entre tantos outros.

Grupos como a comunidade estudada, necessitam se reconhecer, se é que não o fazem, enquanto grupo étnico singular, com uma ancestralidade ligada aos afrodescendentes e buscar de certo modo fortalecer aspecto da coletividade superando os estigmas que a sociedade ao longo da história os imputaram. Conforme aponta Munanga (1994) a identidade passa a ser para a defesa e proteção.

Reconhecer-se enquanto grupo é com certeza valorizar também os signos culturais, mesmo que já tenham sido alterados através das relações sociais englobantes. É evidente que essa luta, qual entendemos acontecer para o fortalecimento da identidade étnica na comunidade do Borel, tanto quanto em qualquer agrupamento brasileiro que sejam compostos majoritariamente por afrodescendentes não deve ser apenas dos negros. Há uma dívida história a ser quitada por todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a marginalização dos negros em vários pontos do planeta, como é o caso de países da Europa, das Américas: do Norte, Central e Latina.

Muitos não são favoráveis à ideia do respeito, da igualdade de direitos e oportunidades, mas o resultado das disparidades são sentidos por todos, brancos e negros. Daí é que entendemos ser, o bem estar de todos muito mais vantajoso do que o desrespeito, preconceito e racismo. Mas retornando ao ponto discutido, que é a compreensão da identidade, perceber todas essas demandas em um agrupamento de pessoas que sempre foram marginalizadas tanto pelos moradores da zona urbana quanto pelo poder público local, possibilita-nos repensar práticas que vigora na sociedade, e no caso específico, muitos do próprio grupo marginalizado sentem-se envergonhados por perceberem que não são vistos como modelo de coletividade admirado, tendo receio de dizer com exatidão onde moram, tornando-se relevante essa informação, na medida em que estigmas precisam ser aniquilados.

Alguns dos moradores da Comunidade do Borel citam outros lugares próximos da região como localização de suas terras. É como se eles tivessem cometendo práticas horrorosas que os deixam envergonhados em dizer com exatidão o território onde se posicionam, o que nos obriga a fazer o questionamento, sobre o que eles fizeram que incomodou ou incomodam os moradores vizinhos e da cidade? A única resposta fácil de dá, pois não passa de fato é, nada. Bom, e se não

fizeram nada para os de fora, por que o receio de se posicionar enquanto cidadão que são, com seus símbolos formadores da pertença, como a cultura e religiosidade?

Fazendo uma analogia da Comunidade do Borel com a sociedade brasileira como um todo, a resposta para todas essas indagações é respondida observando a forma como muitos negros se comportaram e se comportam ainda hoje, com medo dos brancos, querendo ser branco, sempre buscando eliminar da sua estética as características fenotípicas que o aproximam da africanidade. E o convite que fazemos como observadores da Comunidade do Borel é que façamos o inverso disso, que sejamos todos nós mais pretos em todos os sentidos, valorizado o que é nosso, construído no íntimo das relações em contato. Como diz Barth (1969), é preciso, para conhecer uma identidade étnica em particular, levar em conta as experiências formadoras. Isso seria assumir uma identidade como prioridade em contraste com as outras. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, a identidade,

Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, fazem-no como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente (OLIVEIRA, 1976, p. 5).

Entendemos que para o ser humano ser reconhecido enquanto cidadão, primeiramente deve saber da sua verdadeira identidade. Lógico que se estamos dizendo que existe uma identidade verdadeira, é justamente pelo fato de estarmos o tempo todo buscando uma identidade que não é nossa, basta lembrarmos das incontáveis vezes que encontramos pessoas criticando outras por deixar o cabelo no modelo *blak*, ou porque o cabelo não está alisado, como das louras holandesas. Quantas vezes não observamos olhares preconceituosos de outros negros ao usarem roupas com características africanas, mas acha comum qualquer negro usar roupas de grifes americanas?

A questão aqui, e que foi buscada como problema entre os membros da comunidade do Borel, mas que pode ser estendida para outros agrupamentos compostos por pessoas pretas e distantes da zona urbana, quanto para os que moram nas grandes cidades ou metrópoles brasileiras, ou em qualquer outra parte do mundo, foi: Como ocorrem as identidades étnicas dos membros? E na busca por

respostas, cresceu a certeza que a falta de reconhecimento desse aspecto pode ser deletério para qualquer comunidade.

O reconhecimento da pertença de aspectos étnicos pressupõe assumir que a forma de ser de cada um fortalecerá ou inviabilizará as fronteiras que nos relacionamos. Poutignat, P., Streiff-Fenart, J. (2011), coloca que é na esfera fechada de interação que se desenvolve as atividades da rede que sustentam a identidade e assim circulam bens e valores, que representam simultaneamente potentes recursos de identificação.

Diante dessas colocações, podemos dizer que ficamos ainda mais convictos da importância de nos posicionarmos no que se refere à pertença e identidade étnica, colocando em relevo, realçando as características de valores da unidade, da estética, do território e religiosidade, principalmente dentro do próprio grupo, onde as relações através das práticas similares são frequentemente construídas. Assim “[..]. O que deriva do domínio da etnicidade não são as diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação” (POUTIGNAT, P.; STREIFF – FENART, J, 2011, p.129). Aquilo que é considerado importante como realce ou marcador coletivo.

Como já foi pontuada, a identidade étnica não é vista como algo fácil de imputar a um determinado grupo ou até mesmo aos membros do grupo que pertencem, contudo são os símbolos culturais e as práticas do cotidiano nas relações sociais que vão construindo as diferenças. O que de certa forma constrói no imaginário social uma visão de que a irmandade no sentido de pertencimento se dá pelo fato de manter e ser responsáveis por estruturas simbólicas comuns. Diríamos até que são mecanismos que facilitam a sobrevivência de determinados grupos, sendo os elementos étnicos fundamentais, em nossa visão para construção da identidade. Molohon et al, 1970 apud Poutignat, P., Streiff-Fenart, J.,( 2011, p.136), diz:

[...] os seres humanos trabalham de forma tão obstinada para construir fronteiras étnicas e para defender as identidades definidas por tais fronteiras, apesar do custo manifesto de tais atividades? Por que consagram a isso tanto tempo e esforços, como se tratasse de uma finalidade em si, sem correlação clara com a adaptação e a sobrevivência? A esta questão as teorias mobilizacionistas, pelo que vimos, respondem que

as reivindicações de identidade étnica implicam sempre interesses materiais subjacentes. Quando elas não conferem nenhuma vantagem no acesso a um poder ou recursos materiais, as fronteiras étnicas se enfraquecem e as identidades étnicas tendem a desaparecer.

Concordamos com a ideia de que há sempre situações que não se manifesta claramente, que fica sempre encoberto e implícito no que se refere à identificação étnica. Entendemos realmente que os interesses materiais contribuem sobremaneira para que as relações sociais de um determinado grupo podem ser vivenciadas pela reciprocidade. Não podemos deixar de reforçar que as relações étnicas não são estáticas, pois em todas as épocas se elaboram vivências com particularidades singulares, assim como símbolos culturais são renovados nas interações.

[...] A tentativa de construir uma teoria das relações étnicas válida para todas as épocas e sob todas as condições parece assim desprovida de qualquer fundamento, na medida em que a experiência étnica não pode relacionar-se senão às relações políticas e econômicas próprias ao modo de produção capitalista e aos fenômenos de exploração e de dominação que acarreta (POUTIGNAT, P.; STREIFF – FENART, J., 2011.p.37).

A comunidade do Borel pode ser muito bem analisada nesse aspecto, no sentido de que a africanidade como componente de compreensão identitária pode gerar no imaginário social da coletividade um sentimento de pertença, mas que ao longo dos tempos essas mesmas características de relações práticas veio sendo alteradas nas interfaces geradas pelo desenvolvimento e conflitos advindos de movimentos políticos proveniente de uma sociedade capitalista, que busca a todo custo acúmulo de riqueza, exploração do diferente, ou simplesmente relegando a existência dos mesmos.

A dinâmica da exploração capitalista foi vivenciada com mais perversidade no passado, o que não significa serem mecanismos inexistentes na atualidade. E sobre isso, de como se deu principalmente as dores iniciais de nossos povos negros ainda na África, na iminência de uma diáspora imposta pela elite exploradora, Pinsky nos traz a seguinte informação:

A partir da intensificação do contato com a América, outros produtos passaram a ser trocados por escravos, como o tabaco, a aguardente e o açúcar. Assim, o sistema mercantil nos revela um elemento muito importante de sua perversidade intrínseca: escravos eram adquiridos pelos traficantes em troca de mercadorias produzidas pela força de trabalho escravo; e os novos cativos tinham por função reproduzir essa cadeia diabólica. A captação do escravo se dava principalmente por cidades portuárias como Luanda ou Benguela – que tinham conexões com agentes que, por sua vez iam até regiões do interior para a realização do escambo. Dessa forma, uma rede extremamente complexa estimulava aquilo que era

para os traficantes um comércio de mercadorias, de bens de troca e para os negros, um simples escambo, troca de bens de uso (PINSKY (2018, p.30).

É de importância singular estar enquanto grupo, alinhados em aspectos simbólicos, fortalecendo as características das gerações passadas, mesmo que estas sejam totalmente diferentes das iniciais, até porque se faz necessário que haja uma ressignificação, até para superar possíveis fragilidades vivenciadas no passado.

O reconhecimento de uma possível origem comum nos encaminha para algo que nem o imaginário popular pode decifrar que é justamente a subjetividade de cada um, mas sem negar vínculos culturais de um povo com características históricas similares e um parentesco que a genética não deixa se dissipar.

O preconceito racial ou social que sempre existiu para com os moradores da comunidade do Borel, em nossa percepção, muitas vezes ocorreu e ocorre por questões de fronteiras étnicas estabelecidas entre os grupos, e que não há uma consciência amadurecida, individual ou coletiva sobre a existência das mesmas. Mas a ideia não é eliminar as fronteiras e sim fortalecer no sentido de que os deslocamentos ou transições de pessoas ou símbolos culturais não gerem traumas, mas sim crescimento e valorização da identidade e do pertencimento.

Podemos afirmar que a constituição das identidades é atividade social por excelência, e que envolve dois segmentos: o individual e o coletivo ligado à tradição e costumes. Portanto, diríamos que estabelecer critérios que fortaleçam naturalmente a ideia de pertencimento, e que gere esse sentimento de que fazemos parte deste ou daquele grupo nos auxilia na compreensão da identidade. O que de certa forma não deixa de ser uma preservação da referência étnica através da consciência quando se trata de grupos ou comunidades compostas por pessoas negras.

Talvez essa ideia de que faço parte, pertenço a um determinado grupo étnico seja o que vem faltando nas discussões sobre fortalecimento da causa negra mudo a fora, porque assumir uma determinada identidade como minha é dizer em alto e bom som para uma sociedade racista e preconceituosa como a nossa, que não se aceitará qualquer tipo de marginalização por diferenças culturais, simbólicas, de origem ou cor da pele. Contudo, assumir uma identidade étnica equivale não se

adaptar as imposições religiosas, sociais ou culturais colocadas pela elite majoritariamente branca, mas fazer parte de uma mudança de paradigma na transformação da sociedade. Sendo, para tanto necessário fazer diferente do que fizemos no passado, onde como escravo, muitos negros cediam por vários motivos aos desmandos da hegemonia. Pinsky ilustra muito bem essa passividade, que de certa forma não se tinha lá muitas alternativas de resistência para essas imposições:

Por outro lado, não se pode negar que a grande massa de escravos ia se adaptando, tanto á sua condição quanto à religião. As formas de repressão desenvolvidas pelos senhores tinham por objetivo exatamente de desestimular qualquer tipo de revolta ou reação contra si. A contrapartida oferecida – o consolo da religião – acabava sendo aceita pela maior parte dos escravos. (Há exceções notáveis aqui, entre as quais a importante revolta dos malês, ocorrida na Bahia, assim como o candomblé e a capoeira como formas de resistência) (PINSKY, 2018, p.60).

Pinsky, (2018, p.60) ainda continua dizendo:

[...] O chamado sincretismo religioso é uma das formas que distinguem a religião dos escravos daquela dos senhores. Contudo, a legitimação social do catolicismo dos senhores continuava sendo uma eficiente forma de controle social; e valores como conformismo, resignificação e trabalho duro, formas de se chegar ao paraíso celeste, marcavam de maneira indelével a vida cotidiana do escravo brasileiro.

Uma das coisas que os afrodescendentes brasileiros não pode esquecer é esse passado de opressão que viveram, e que faz parte do pacote da resignificação, e entendimento de uma origem suposta, de uma africanidade histórica, tendo existido sim tempos difíceis, de marginalização, opressão e escravidão. A partir disso é entender que coletivamente somos mais fortes, mesmo que haja diferenças significativas entre os grupos provenientes de disparidades culturais e simbólicas, mas que é a identidade étnica que nos junta e fortalece.

Refletindo sobre a identidade étnica ao estudar a comunidade do Borel, assim como observando o conhecimento histórico da situação vivida por pessoas pretas, principalmente no Brasil, nos levam a entender que muito dos conceitos gerados pela sociedade elitizada racista e preconceituosa, foi como ainda é com o intuito de acabar com o referencial africano. O que demanda uma percepção também política no que se refere à identificação. Para Cardoso:

Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento étnico-semântico, político e ideológico, mas um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato



ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. Portanto, por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negra (CARDOSO, 2010, p.66).

No Brasil, talvez esse seja o equívoco relacionado às questões identitárias, onde gerações inteiras foram treinadas para entender que há uma mistura de raça, e dessa forma é impossível existir racismo nessa sociedade mista e sem grandes conflitos. Como afirmou Gilberto Freyre (1957), em *Casa Grande e Senzala*, de que havia uma suposta harmonia advinda do fato de que, a despeito de outras nações escravocratas, no Brasil teve uma miscigenação pacífica entre negros e brancos. Esse tema vem se tornando assunto de debates e estudos que mostram o quão equivocados são esses discursos, tendo em vista a grande dificuldade que os negros ou afrodescendentes vem enfrentando ainda nos dias atuais.

A comunidade do Borel, como um recorte dessa realidade nos mostra que de fato ser negro em um país com as características que o Brasil possui, que ao longo da história dos seus quinhentos e poucos anos de existência uma dita elite racial escravizou seres humanos, se torna imperativo a necessidade do reconhecimento de todas essas dificuldades enfrentadas por negros e negras, assim como também é de fundamental importância possuímos armas no sentido de nos capacitarmos para enfrentar todas as mazelas que sempre foram e que ainda são impostas.

Como primeiro passo para o fortalecimento da identidade étnica negra, vemos como importante defender a ideia de que somos todos irmãos, descendentes de uma mesma origem comum, e que é a prática das vivências culturais que fortalece o sentimento de pertença, trazendo para além do imaginário do grupo e da individualidade, a noção de que mesmo que existam disparidades simbólicas ainda continuaremos tendo laços que nos une, e que ao mesmo tempo singulariza aqueles que pertencem ou não ao grupo.

Aqui o que está sendo colocado de uma forma talvez demasiadamente objetiva seja o fato de ser necessário assumir uma representação étnica, não para realçar modismo que esporadicamente é percebido em alguns comportamentos humanos, mas para fortalecer esse sentimento de reconhecimento étnico, que traz na subjetividade, a racionalidade que juntos nos fortalece na representação e que marca a diferença. Tomaz Tadeu da Silva chama atenção para o fato de que:

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendido, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso dizer: “essa é a identidade”, a identidade é isso” (SILVA, 2014, p.91).

Diante do exposto, e das conversas e observações feitas no lócus do presente estudo, reforçamos ainda mais o entendimento de que é fundamental para os moradores da comunidade do Borel reconhecer os elementos que compreendem e fortalecem a identidade, colocando como algo construtivo na marcação da diferença, sendo necessário para tanto assumir nas representações diárias, individuais e coletivas símbolos que estruturam as vivências culturais do grupo.

#### **4.3 O Borel: Identidade e reconhecimento**

A comunidade do Borel, com todas as suas características enquanto agrupamento de pessoas com vínculos familiares e com uma religiosidade sincrética vinculada aos conhecimentos dos moradores mais velhos, nos traz ao palco das discussões a função e importância da identidade e reconhecimento étnico como primordial, que se estrutura pelo viés dos símbolos históricos repassados de geração em geração, fruto da seleção, natural ou não de mecanismos para a identificação. Seleção de sinais diacríticos como atributos selecionados a partir do seu complexo cultural – religião, política, entre outros (MUNANGA, 2012).

Refletindo sobre os dados da pesquisa, compreendemos que os símbolos que são repassados naturalmente pelo viés cultural foram atribuindo singularidades que são reconhecidos pelos interlocutores da vivência, e ao mesmo tempo, classificando aqueles que podem ser recolocados pelos sistemas de significação em outros espaços, mesmo que esse espaço seja subjetivo. Silva (2014) afirma que a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído.

A cultura e as vivências sociais dentro da comunidade do Borel, assim como os contatos com pessoas de outras localidades definem de forma gradual as expectativas impostas por cada contato, mas ao mesmo tempo gera uma significação que recoloca cada espectro étnico, positivo ou negativo que se estrutura nos sistemas linguístico e religioso.

No estudo com membros do Borel, o percebido foi que as vivências linguísticas e religiosas apesar da dificuldade de serem expostas aos pesquisadores, contudo, foi perceptível no dia a dia da comunidade que não se trata de algo que recoloca cada um em seu devido lugar, mas que estrutura ou reestrutura a unidade enquanto coletivo, estabelecendo a identidade étnica através de símbolos místicos marcadores da diferença, o que revela personalidades e afinidades.

A história, em um contexto mais amplo no país, já nos mostrou que as operações simbólicas dos de fora foram quase sempre pelo preconceito e discriminação, reforçando a marginalização da identidade de afrodescendentes. Mas a discussão neste trabalho não é para favorecer a discórdia como também para uma identidade unitária, e sim valorizar o respeito, a diversidade de vivências culturais e simbólicas, que são definidores do reconhecimento e da pertença.

Assumir uma identidade carregada de simbolismo e ressignificações ao longo de gerações pressupõe a representação delas pelo grupo, afim de que sejam mantidos os fundamentos basilares de toda comunidade, fortalecendo o sentimento de pertença. Silva (2014, p.91) afirma que é “[...] por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.

A ideia de falar sobre identidade e reconhecimento na comunidade do Borel se justifica pelo fato de ser preponderante valorar a cultura principalmente a religião que vivenciam. Com certeza, cremos que isso seja um dos definidores de identidade e também marcadores da diferença. Diferença essa que pode ficar apenas no campo da etnicidade e do reconhecimento no espaço das relações e negociações. De fato, identidades são campos de negociações, não são fixas e dependem muito dos atores sociais em jogo e de como eles acionam suas múltiplas possibilidades identitárias (BARTH, 1969). E dentro dessas possibilidades, a representação talvez seja uma estratégia válida na comunidade estudada, porque fortalecem mecanismos da estrutura coletiva.

Seria de fundamental importância esse reconhecimento e representação por parte da comunidade para que seja desenvolvido, propagado e ressignificado os símbolos e culturas propositivas que marca a diversidade no ceio da mesma, o que

entendemos já acontecer. Como diz Hall (2003) a representação é o processo pelo qual pessoas membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados.

Silva (2014) põe que a diversidade biológica pode ser um produto da natureza; e que não se pode dizer o mesmo da diversidade cultural. Portanto, cada povo, cada comunidade, cada agrupamento de pessoas criam nas relações interpessoais simbolismos capazes de produzir culturas diversificadas, e é isso que deveríamos todos aplaudir e de certa forma fomentar através de nossas ações, comportamentos e representações.

Sobre identidade, deve ser estimulado o ambíguo, em vez do conhecido. Favorecer, enfim, toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e nós ao idêntico (SILVA, 2014). Ser negro ou ter uma identidade étnica específica "[...] não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posicionam o povo negro" (HALL, 2003, p. 345). A diversidade de culturas, de práticas e também de identidades, representam um aporte balizador diante das questões sobre pertença em comunidades com características peculiares. Portanto existe da nossa parte a defesa do respeito à heterogeneidade de identidades.

Pensamos não ser fácil descrever o conteúdo cultural de nenhuma comunidade, assim como também não se pode negar a representação de símbolos culturais na definição e amadurecimento de um povo, e conseqüentemente de suas características de identificação, como afirma, Poutignat, P., Streiff-Fenart, J.:

[...] a forma e a extensão do conteúdo cultural que as pessoas associam a um grupo étnico particular nunca podem ser derivadas de qualquer lista descritiva de características culturais que seria estabelecida independentemente das atividades socialmente organizadas nas quais categorias e descrições acham suas pertinências práticas (2011, p.130).

Aqui cabe um parêntese para que se faça uma análise da cultura que se vivencia não só em grupos que moram afastados das zonas urbanas, como é o caso da comunidade do Borel, mas também de agrupamentos periféricos de qualquer cidade brasileira, que tem por característica se estruturar na experiência prática dos elementos culturais que são usufruídos a todo tempo.

Por vezes percebemos em conversas com pessoas que defendem a causa negra e que lutam por igualdade racial e social, um sentimento de que nós enquanto

negros somos a todo tempo marginalizados por práticas racistas individuais e também por haver um racismo estrutural entranhado na sociedade, que possui raízes sólidas no emaranhado das relações. Contudo, conseguimos compreender que a condição de ser negro em nosso país nos impõe dificuldades por vezes insuperáveis, como é o caso da pobreza, falta de acesso a uma educação transformadora, saúde de qualidade, aprisionamento dos periféricos e repressão por parte das forças de segurança do estado na justificativa de combater a criminalidade. Assim, o que é de surpreender nessa discussão é o fato de termos a consciência de que uma dita elite branca impõe a sua vontade e desmando que gerou e gera preconceito, racismo, além de desigualdades em todas as áreas, mas geralmente não concordamos quando o assunto é cultura, como se a cultura de um determinado agrupamento fosse algo inviolável, gerando e reproduzindo suas práticas sem interferência externa.

Nosso entendimento é que a cultura dos agrupamentos humanos, principalmente com características parecidas a comunidade do Borel, também deva passar pelo crivo de reflexões, ou na nossa análise corre-se o risco de reproduzir a vontade de uma elite financeira e política que a todo custo tenta impor selos que separa e classifica quem é ou não é negro, pobre e favelado, e que ao mesmo tempo cria privilégios. Conforme Almeida:

Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro. Características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas (ALMEIDA, 2019, p.77).

Não há como falar de identidade e reconhecimento sem admitir que seja necessário avançar no sentido da superação do racismo que ainda existe em nosso país. É uma questão que passa pelo prisma de uma luta que pressupõe análises mais críticas da situação de pessoas negras que vivenciam marginalizações históricas. Almeida ainda coloca que:

A substituição do racismo científico e do discurso da inferioridade das raças pelo “relativismo cultural” e pelo “multiculturalismo” não se explica por uma “revolução interior” ou por “evolução do espírito”, mas por mudanças na estrutura econômica e política que exigem formas mais sofisticadas de dominação (ALMEIDA, 2019, p.71,72).

O que deve ser feito e o tempo todo é a reflexão se as culturas que são vivenciadas em comunidades com características peculiares como a estudada são construções históricas elaboradas e reelaboradas pelos personagens dos próprios grupos ou são imposições colocadas pela estrutura econômica e política hegemônica. Talvez esse seja um dos questionamentos mais árduo de toda discussão sobre identidade e reconhecimento, pois perpassa as vivências culturais impostas ou não, e refletir sobre isso quase nunca é uma tarefa simples.

Ao investigar como os membros de uma comunidade constroem, elabora e reestruturam as identidades e se reconhecem enquanto portadores de símbolos comuns, podemos nos deparar com vazios em respostas, mas talvez a busca constante para que se possa compreender a realidade, que por sinal é diferente em cada contexto seja mais revelador, mesmo com ausências de verdades ou resultados absolutos.

Se tiver algo que pode ser vantajoso em estudar ou refletir sobre identidade e reconhecimento em uma dada comunidade é porque pode ser libertador no sentido de passarmos a entender e posicionar diante das demarcações impostas pela elite brasileira. Demarcações estas que sempre foi uma estratégia de marginalizar o negro afro-brasileiro das políticas econômicas, sociais, educacionais e de saúde, sendo isto uma verdade incontestável haja vista todo o percurso histórico vivenciado pela grande maioria dos negros no país. Djamila Ribeiro afirma que:

[...] a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (RIBEIRO, 2019, p.11).

Ribeiro (2019) ainda coloca como sendo importante debater sobre as estruturas construídas para a manutenção de privilégios e demarcações dos grupos inferiorizados.

Um dos aspectos fundamentais para entendermos a realidade ao qual estamos inseridos é a compreensão da perspectiva histórica, que no caso dos negros, como os membros da comunidade do Borel, perpassa por todos os sofrimentos que foram impostos pelo colonialismo e conseqüentemente pela escravidão.

Todo o sofrimento e marginalização sofridos pelos afro-brasileiros nos convocam a encarar uma realidade adversa para que haja o fortalecimento da identidade e do reconhecimento étnico, de forma que colabore para a construção de uma sociedade fortalecida e sem estigmas preconceituosos.

Nossa compreensão é que muitas das vezes a falta de reconhecimento étnico e também de identidade se dá não só pelo viés das práticas culturais que são esquecidas durante o percurso histórico, mas também através da passividade e da falta de crítica pela empiria de nossas ações, o que de certa forma nos coloca como opressores de nós mesmos, ou seja, não compreender quê o que fazemos ou vivenciamos pode ser imposições que só contribui para permanência de estigmas e que nos coloca em posição de atrasos de direitos, preservando mesmo que de forma inconsciente o racismo pelos grupos que detém o poder político e econômico. No livro, o pequeno manual antirracista, Ribeiro (2019), diz que é necessário matar o opressor que há em nós, e isso não é feito apenas dizendo ser antirracista: é preciso fazer cobranças.

Diríamos que a cobrança mais válida nesse caso deva ser dirigida principalmente para nossa consciência enquanto pretos e pretas que por séculos foram maculadas com ideologias sempre voltadas para o esquecimento das heranças culturais, religiosas e familiares.

Houve a necessidade de utilizar como recorte de estudo a Comunidade do Borel, para que pudéssemos perceber as nuances das dinâmicas das relações de poder. O que corrobora para uma análise mais crítica de como nos tornamos grupos étnicos marginalizados e ao mesmo tempo, mesmo sendo nós pretos e pretas a compor maior parcela da nação, somos minorias em uma sociedade com características liberais.

O fato é que qualquer agrupamento de pessoas com característica afro-brasileira presentes e incontestáveis, como é o caso da Comunidade do Borel em Itagi, sofrerão múltiplas recriminações, pelo fato de serem negros e também minorias no sentido de acesso a educação de qualidade, saúde e todos os tipos de políticas públicas.

A nossa luta enquanto pesquisadores e negros é contribuir não para uma adaptação ao sofrimento imposto pela elite, que por sinal vem de longas datas, mas para que haja uma emancipação das imposições e conseqüentemente da valorização de uma cultura própria, colaborando para construção de uma sociedade que respeita a alteridade.

A elite brasileira, desde os primórdios do período colonial impuseram através da força, da repressão e imposição um lugar de inferioridade a pessoas, que na lógica mercantilista transformou milhões de seres humanos em mercadoria, gerando inconformidades em vários momentos. Mas o que queremos ressaltar aqui é que entendemos ainda serem presentes as imposições elitizadas, e mesmo estando no século XXI ainda se vê grupos étnicos diversos como sendo se não mercadorias, algo a ser combatido, menosprezado e marginalizado. Esta é uma situação histórica e uma prática presente desde o início da colonização, como podemos perceber na fala de Pinsky, em seu livro sobre a escravidão no Brasil:

O escravo era batizado logo que chegava ao seu local de trabalho – fazenda ou cidade – recebendo um nome “cristão”. Devia esquecer a forma pela qual era chamado no seu lugar de origem. A atribuição de um novo nome e o batismo representavam a transformação do cativo em escravo, isto é, o início do trabalho compulsório. Assim, era de se esperar uma identificação feita pelo escravo entre o poder e a religião (PINSKY, 2018, p.60)

Entendemos que falar sobre identidade e reconhecimento na atualidade, é partir de uma realidade que não se inicia agora, no presente, mas remonta a forma como nossos antepassados foram e viveram, além de retirados do seu território de origem, e massacrados por uma lógica imperialista que diminuía e ainda continua diminuindo seres humanos para lucrar financeiramente. O dia a dia do escravo refletia sua condição de existência e variava bastante, dependendo das especificidades do trabalho (PINSKY, 2018).

Esse debate serve em nossa análise para além de refletirmos sobre a condição do ser negro, mas em um fazer prático cotidiano que transforma pessoas, grupos e minorias em ativos de sua própria história, e exemplo para as futuras gerações. Sendo como válido a compreensão na contemporaneidade sobre o tema identidade étnica e reconhecimento no sentido da colaboração de pertencas significativas, tanto na comunidade do Borel, quanto em grupos étnicos em outras latitudes.



A contemporaneidade nos apresenta singularidades nas relações sociais, principalmente nas dinâmicas de produção, do comércio, da política e do conhecimento, que gera além de desenvolvimento enquanto seres humanos, mas também contrariedades nas relações, pois tudo que nos é apresentado ou elaborado por nós mesmo vem sendo liquidamente desfeito de forma exageradamente acelerada.

Cada um, seja de forma coletiva ou individual busca uma identidade para dizer o que quer ser, muito mais do que necessariamente dizer o que é, justamente por que afirmar o que se é em tempos de prematuridade ficou muito difícil, onde as coisas deixam de ser de forma apressada, ou simplesmente caem em desuso rapidamente. Mas algo não se pode negar, é que somos sempre o que construímos, sendo, portanto dessa forma que nos identificaremos e que seremos reconhecidos. Ou seja, estamos absolutamente em movimento, dessa forma não é diferente a cultura, identidade e fronteiras com as quais temos contato, que realça a pertença daqueles que compartilham vivências em sociedade, das mais simples que sejam as mais complexas. Segundo Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart:

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos” (2011, p,167).

Compreendemos que aquilo que identifica os membros da Comunidade do Borel, assim como todos de outros grupos, seja de zona urbana ou rural, de pessoas dos centros das cidades ou das periferias é o que cada agrupamento movimenta. E esse movimento com certeza há relação com a territorialidade de cada povo, da cultura, do fazer prático e da religiosidade.

Todas as características que nos identifica enquanto grupo étnico leva em consideração aspectos que não pode e nem deve passar despercebido, e algumas das características fortes, pelo menos tem sido ao longo da história na comunidade do Borel é a crença no imaginário social de uma herança africana e a religiosidade. E isso é de acordo com as postulações de Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart (2011), que afirma ser o termo grupo étnico entendido para designar uma população que perpetua-se biologicamente, que compartilha valores culturais.

Mesmo em um mundo fluído e líquido, é fato que as diferenças culturais e étnicas continuam existindo, pois é algo que se constrói nas relações entre nós e eles, portanto a identidade não serve para os grupos apenas por servir, mas também para diferenciar e muitas vezes provocar indiferença. As diferenças são percebidas na forma de se produzir o fazer das relações. Lembrando que esses mesmos antagonismos também são criadores ou provocadores de unidades. Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart:

[...] mas, assim como os comportamentos podem ser avaliados na medida de seus valores comuns, um grupo étnico pode manter sua unidade apesar das divergências nos modos de vida e nas formas institucionais, isto é, apesar do que se define habitualmente como uma “cultura” (2011, p. 132).

Existem símbolos culturais da vivência dos grupos étnicos que podem fortalecer a etnicidade e conseqüentemente a unidade e pertença dos membros, e de certo as crenças religiosas talvez seja um dos marcadores que mais diferenciam aqueles que abraçam a pertença étnica não só do Borel, mas afro-brasileira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O caminho desta pesquisa durante o mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade foi marcado por muita curiosidade, empenho e tentativa de abranger melhor a problemática proposta, sendo muitos os aprendizados, que de certa forma estenderam nossos horizontes. Os resultados nos permitiram compreender como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade estudada, assim como traçar graus de dificuldades vivenciados pelos mesmos, dado a carência do acesso a políticas públicas governamentais.

Indo além do que foi proposto pela problemática desta dissertação, Constatamos nas falas dos entrevistados que as tensões geradas ao longo do tempo, pelas relações com pessoas externas ao grupo, tem contribuído para as identidades étnicas dos membros da comunidade, e estão de certa maneira impregnadas com marcas dadas pelo contato. As pessoas que participaram respondendo as entrevistas mostraram que apesar das dificuldades que enfrentaram, não perderam o sentimento de unidade, que é fortalecido no fazer prático do dia a dia, com símbolos significativos, principalmente ligados à religiosidade.

A temática que engloba identidade étnica é demasiadamente complexa, envolvendo perspectivas teóricas que divergem em alguns pontos umas das outras, devendo ser levado em conta o foco nos aspectos culturais defendidos por boa parte dos autores utilizados no presente estudo, na medida que a identidade reflete a tendência de identificação, inclusão e exclusão dos que possuem uma forma parecida ou diferente de vivenciar os símbolos produzidos culturalmente.

Nessa reflexão, pode-se afirmar que as identidades étnicas entre os membros da comunidade do Borel são fortalecidas por símbolos culturais voltados a religiosidade que se manifesta no dia a dia, e está presente tanto nas histórias contadas pelos moradores, quanto nos ambientes das residências dos mesmos. Outro aspecto relevante percebido na pesquisa é que a base da identidade étnica dos membros da comunidade do Borel ocorre também pela relação de parentesco, a qual está estritamente vinculada à evolução demográfica do território ocupado e ao pertencimento.

No que se refere ao quesito religioso, há uma ausência de festejos na atualidade, que antes eram desenvolvidos na localidade por antigos moradores, como as rezas de ladainhas, sambas, uso de tambores e festas em devoção ao Bom Jesus e Cosme e Damião, que ocorriam entre setembro e outubro.

A pesquisa mostrou que existem referências negativas por parte dos moradores da zona urbana, relacionadas aos membros da comunidade do Borel. Tais referências, utilizadas como critérios negativos de apreciação da identidade social desse grupo, expressam práticas comuns e cotidianas de discriminação e preconceito a que estão submetidos no contato com os de fora. Mas que, os membros da comunidade, através de uma lógica da contradição, se apropriam positivamente de uma avaliação que estigmatiza, constituindo assim uma identidade social relacionada ao pertencimento a uma família específica e a ocupação de um território exclusivo.

A referência dos moradores da comunidade ao passado histórico dos mais velhos e os laços de reciprocidade e solidariedade que os unem, criam um sentimento de participação comunitária e de identidade étnica ainda no presente contexto. Mas é de se observar também, que a partir dos próprios códigos internos da cultura, e da dificuldade de demonstrar, dado as relações conflitantes com os de

fora, nos permite identificar que a comunidade se configura como uma espacialidade diferenciada, e com um modo singular de interação em uma sociedade mais global e de classes. Soma-se a isto, a ausência de políticas públicas eficazes, e que atenda a demanda da comunidade, favorecendo a efetivação de uma condição subalternizada dos moradores da localidade.

Por fim, a pesquisa, respondendo ao problema: Como ocorrem as identidades étnicas entre os membros da comunidade do Borel, nos aponta, e assim consideramos que a origem familiar, o território, o sentimento de unidade e a religiosidade vivenciada no dia a dia são os pontos centrais na construção da identidade étnica entre os moradores da comunidade. E aqui, em nossa compreensão, a religiosidade não é determinante na caracterização da identidade étnica, mas não pode, contudo, ser ignorada nem relegada, pois os símbolos religiosos são bem presentes no fazer prático dos moradores do Borel. A transcrição de algumas narrativas dos entrevistados coligidas durante o trabalho de campo foi significativa em termos de fundamentação e compreensão da construção de uma relação com códigos religiosos vivenciados de forma comunitária, e que talvez não seja de interesse a revelação do todo deste aspecto para quem não pertence ao grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA. **Documentos do Grupo de Trabalho sobre as comunidades Negras Rurais**. Em Boletim Informativo NUER, n.1, 1994.

AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **MANA** 7 (2): 7-33, 2001.

AJARI, N. **Ensaio Filosófico**, Volume XVIII. Dezembro / 2018.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, A. W. B. de. Quilombos: Repertório Bibliográfico de uma Questão Redefinida (1995-1997). BIB – **Revista Brasileira de Informação** Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, ANPOCS, n. 45, p. 51-70, 1º sem./1998. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-45/485-quilombos-repertorio-bibliografico-de-umaquestao-redefinida-1995-1997/file>. Acesso em: 29 de agosto, 2015.

\_\_\_\_\_. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio: uso comum e conflito. In: GODOI, Emília P. et al (org.). **Diversidade do Campesinato: expressões e categorias. Estratégias de reprodução Social**. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: NEAD, V.2. p. 39-66, 2009.

\_\_\_\_\_. **Quilombos e as Novas Etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARRUTI, J. M. Comunidades Negras Rurais: entre a memória e o desejo. **Suplemento Especial de Tempo e Presença**, ano 20, n. 298, p. 15-18, mar./abr. 1998. Disponível em: [http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Tempo-e-Presenca\\_298.pdf](http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Tempo-e-Presenca_298.pdf). Acesso em: 08 de dezembro, 2016.

BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Élcio Fernandes. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference**. London: George e Allen & Unwin, 1969.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BISPO, J. S. Caminhos da religiosidade afro-brasileira na construção da dominação carismática de Maria Bacelar. **Revista Brasileira de História das Relações**. ANPUH, Ano IV, n.11, Setembro 2011 – Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html> / <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 04 de dezembro, 2020.

BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM3353.htm). Acesso em: 04 de outubro, 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto 4887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: 04 de outubro, 2016.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: DF: Senado 1988.

CALHEIROS, F. P.; STADTLER, H. H. C. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Revista Katálysis [online]**, v. 13, n. 1, pp. 133-139, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000100016> - Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000100016>>. Acesso em: 28 de outubro, 2021.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: Tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COHN, C. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 36-42, Apr. 2001. Available from. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 de janeiro, 2021.

CONSORTE, J. G. Relações Étnicas e Relações Raciais: diferenças e aproximações. **ODEERE**, 4(8),30-34.2019. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6232/> Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6232>. Acesso em: 11 de dezembro, 2021.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, M. C. “Etnicidade: da cultura residual, mas irreductível”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: **Brasiliense**, p.97-108, 1987.

DE SANTANA, M. Legados africanos: palavra enunciadora de simbolismos étnicos. **ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. ISSN 2525-4715. v.3, n. 3, janeiro-junho de 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1571/1354D> - Acesso em: 12 dezembro, 2021.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo – **Cadernos de pesquisas**, n.115. p.139-154, Março, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt> / Acesso em: 18 de Junho, 2021.

EARTH. APP. **Comunidade do Borel em Itagi-BA**. Disponível em; <https://earth.app.goo.gl/?apn=com.google.earth&isi>. Acessado 22 de dezembro, 2021.

FERREIRA, M. M. **História oral e tempo presente**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente: Identidade em Construção**. São Paulo: EDUC/ Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FIABANI, A. O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais...** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/AdelmirFiabani.pdf>. Acesso em: 10 de junho, 2020.

FIGUEIREDO, N. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 131-135, jan./dez. 1990.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução. Sandra Netz. 2ª ed. – Porto Alegre: Bookman, p.147 – 170, 2004.

FREITAS, D. A. et al. Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura. **Revista CEFAC** [online], v. 13, n. 5, p. 937-943, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-18462011005000033>>. Epub 20 Maio 2011. ISSN 1982-0216. <https://doi.org/10.1590/S1516-18462011005000033> - Acesso em: 18 de abril, 2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, Livros do Brasil. 1957.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; tradução de Vera Joscelyne. 14ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro –11ª ed. - Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JÁCOME, N.F.A. recusa da interação: um ensaio historiográfico sobre etnocentrismo e racismo na Grécia . **Revista Brasileira de História [online]**, v. 40, n. 84, p. 21-41, 2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-02>>. Acesso em: 21 de setembro, 2021.

LEROY, J-P. Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável. In: **BECKER, B. K.; MIRANDA, M. (Org.)**. A geografia do desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 248-256, 1997. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org> – Acesso em: 22 de setembro. 2021.

MATTOS, R.A. **História e Cultura Afro-brasileira**. 2ª ed. - São Paulo: Contexto: Contexto, 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. - São Paulo: Loyola, p. 246, 2002.

\_\_\_\_\_. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 204, 2000. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org> >.

MONTES, M. L. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **janus, lorena**, ano 1, n.1, 2º semestre de 2004. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/> Acesso em: 20 de março, 2021.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: Editora da UFRN, 2000.

MOURA, G. **Festa dos quilombos**. Brasília, DF: Ed. UNB, 2012.

MOURA, C. Os quilombos contemporâneos e a Educação. **Revista Humanidades**, Brasília, n.47, p.1-10, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

MUNGOI, D. M. D. C. J. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 20, n. 38, p. 125-139, jun. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 de outubro, 2020.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: *In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.)*. A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, p. 177-187, 1994.

\_\_\_\_\_. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, 2012.



NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. **Revisões de literatura**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 50, p.57-60, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>. Acesso em: 08 de dezembro, 2021.

OLIVEIRA, G. S.; FERREIRA, C. D. A. V Colóquio internacional. **Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão - SE / Brasil, p. 21- 23 de setembro de 2011.

OLIVEIRA, R. C.. **O trabalho antropológico**. 2ª ed. - Brasília: **Paralelo 15**; São Paulo, Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 15, n. 42, p. 07-21, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100001>>. Acesso em: 28 de outubro, 2021.

\_\_\_\_\_. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas: Editora da Unicamp, processo de fricção interétnica. 4ª ed. 1996.

O` DWYER, E. C. **Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro. Co-edição: Associação Brasileira de Antropologia: Editora FGV, 2002. Disponível em; <https://books.google.com.br> – Acesso em: 12 de outubro, 2021.

POUTIGNAT, P.; STREIFF – FENART, J. **Teorias da Etnicidade seguidos de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. 2ª ed. - São Paulo: Unesp, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAGI. **História do Município**. Publicado em 03/01/2019. Disponível em <https://www.itagi.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6508> - Acesso em: 01 de outubro, 2021.

PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**.- 21. Ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contextos, 2018.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

\_\_\_\_\_. **Oneself as Another**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa Tomo I**. Campinas: Papyrus, 1994.

SANCHES, R.; CONTE, E. A hermenêutica de Ricoeur no contexto das histórias de vida. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 188-203, set. 2017. ISSN 1982-9949. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v25i3.9492> - Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/9492>>. Acesso em: 20 de setembro, 2021.

SANTANA, A. J.; BARBOSA, A. A. L. Reconhecimento e pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218**, [S. l.], v. 3, n. 10, p. e3101975, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i10.1975. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1975>. Acesso em: 7 de janeiro, 2023.

SANTOS, M. A. Negritude Posicionadas: as muitas formas de identidade negra no Brasil. 2010. Mestre em Ciências Sociais / UERJ. Doutorado em Ciência Política no IESP / UERJ. Perspectiva Sociológica: **Revista de professores de Sociologia**. URL da Homepege: <http://www.cp2.g12.br> – Doi: <http://dx.doi.org/10.33025/rps.v1i5%2F6.600>. Acesso em: 20 de março, 2021.

SILVA, M. R. P. Raça, Etnicidade e Religião: Das ciências sociais às ciências da religião. CSinline – **Revista Eletrônica de ciências sociais**, Juís de Fora, nº 28, 2019.

SILVA, V. R. R. **A gênese do debate e do conceito de Quilombo**. Cadernos CERU, série 2, v.19, n1, junho, 2008.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, V. S. **Do Mocambo do Pau-Preto a Rio das Rãs**. Liberdade e escravidão na construção da identidade negra de um quilombo contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História. Salvador: UFBA, 1998.

SILVEIRA, É. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história e cultura** - v.6, n.12, p.35-44, jul./dez. 2007.

SIQUEIRA, E. B.; NORONHA, C. A. M.; DE SANTANA, M. O lugar das Relações Étnicas na Educação: Juventudes, Identidades e Temas afro-brasileiros. **ODEERE**, v.4,número8,73-93,2019 <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6235>-Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6235> – Acesso em: 10 de dezembro, 2021.

SCOCUGLIA, J. B. Cavalcanti. A hermenêutica de Wilhelm Dilthey e reflexão epistemológica nas ciências humanas contemporânea. **Sociedade e Estado**, v.17, n.2, p.249-281, julho/dedembro, 2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 – Termo de consentimento livre esclarecido - TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubriche as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Alessandro de Jesus Santana

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Professor doutor, Natalino Perovano Filho

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

##### 2.1. TÍTULO DA PESQUISA

TÍTULO:

AS IDENTIDADES ÉTNICAS DOS MEMBROS DA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA.

Este estudo está sendo feito para investigar como ocorrem as identidades dos membros, assim, identificar tanto as identidades quanto analisar as fronteiras étnicas.

##### 2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

*A pesquisa se justifica para que se possa tentar diminuir efeitos negativos da interpretação histórica sobre a comunidade.*

##### 2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

*Investigar como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel, identificando tanto as identidades quanto as fronteiras étnicas dos membros.*

#### 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

##### 3.1 O QUE SERÁ FEITO:

*Será realizado visitas no local de estudo e entrevista com quatro (4) membros da comunidade, com quem serão realizadas entrevistas e também observações.*

##### 3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

*A pesquisa será realizada na comunidade do Borel, localizada no município de Itagi-BA. A coleta de dados ocorrerá entre 03 de Setembro a 30 de novembro de 2021.*

##### 3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

*De 30 min a 1 horas*

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepiq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

#### 4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO       MODERADO       ALTO

##### 4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

*Riscos de constrangimento aos participantes da pesquisa, desconforto físico e psicológico, além do risco de vazamentos dos dados obtidos*

##### 4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

*Assegurar o sigilo total dos dados dos participantes, bem como a destruição dos arquivos de gravação e blocos de notas após o período de cinco anos. Daremos ao participante o direito de desistir de sua participação a qualquer momento, bem como de responder ou não a alguma pergunta*

#### 5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

##### 5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Contribuir para a eliminação ou diminuição de estigmas depreciatórios para com os membros da comunidade do Borel, e ao mesmo tempo, para o fortalecimento das identidades, da etnicidade, da fronteira e da pertença.

##### 5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Respeito às diferenças e fortalecimento das identidades étnicas.

#### 6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

##### 6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

##### 6.2. Mas se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhes ressarcir estes custos.*

##### 6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

##### 6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

##### 6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

##### 6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: *Nenhum.*

##### 6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: *Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.*

##### 6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

*R.: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.*

**6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?**  
*R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.*

**6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?**  
*R.: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.*

**7. CONTATOS IMPORTANTES:**

**Pesquisador(a) Responsável:** Alessandro de Jesus Santana  
 Endereço: Rua Geraldo Chagas 07, Bairro: Baixa da Colina, Itagi-BA, CEP: 45230-000  
 Fone: 73 998575398 / E-mail: alessandroderay@yahoo.com.br

**Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**  
 Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.  
 Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br  
 Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

**8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)**

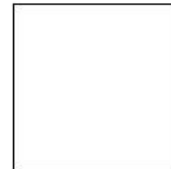
Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;
- com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

ITAGI-BA, de de 2021

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital  
(Se for o caso)

**9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Seja conciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

*ITAGI-BA, de de 2021*

---

*Assinatura do(a) pesquisador*

Seja conciente: ao imprimir este documento, se  
necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

Rubricas:
-----------



## Anexo 2 – Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DA PESQUISA:	AS IDENTIDADES ÉTNICAS DOS MEMBROS DA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	Alessandro de Jesus Santana

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa; e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004),

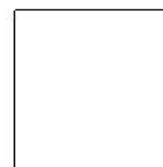
**AUTORIZO**, através do presente documento, **e CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de gravações (sons e imagens)

da minha pessoa

do indivíduo pelo qual sou responsável

ITAGI-BA, 15/07/2021

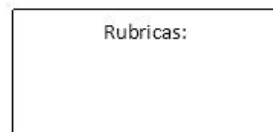
\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)



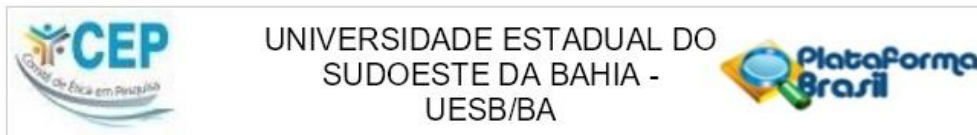
Impressão Digital  
(Se for o caso)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador

Página  
1



## Anexo 3 – Parecer consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel em Itagi-BA.

**Pesquisador:** ALESSANDRO DE JESUS SANTANA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 48137521.8.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.940.562

#### Apresentação do Projeto:

"O presente trabalho será realizado em uma comunidade de zona rural de difícil acesso, composta por pessoas pretas, que são estigmatizadas com qualidades pejorativas por pessoas da zona urbana. Os moradores sobrevivem da agricultura familiar em pequenos lotes de terras. Nesse sentido, a pesquisa se justifica para que se possa tentar dirimir os efeitos negativos da interpretação histórica sobre ao lócus do estudo."

#### Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo: Investigar como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel.

Objetivo Secundário:

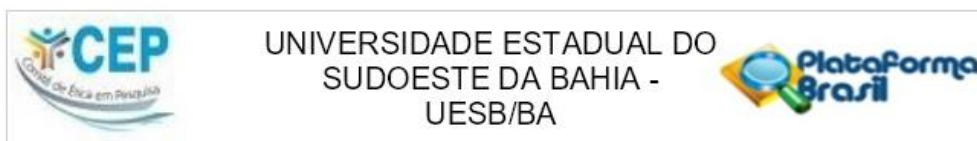
- Identificar as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel em Itagi-BA.
- Analisar as fronteiras étnicas dos membros da comunidade estudada."

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Os participantes poderão sentir desconforto e constrangimento ao participar da pesquisa e também de ser observado durante a execução das suas funções do dia a dia, além do receio de vazamentos dos dados particulares e estigmatização da imagem/moral dos mesmos. E para minimizar tais circunstâncias e reduzir os riscos, poderemos realizar tais ações:

- Viabilizaremos a escuta e/ou leitura e edição dos trechos gravados ou anotados da entrevista, com os quais o participante não tenha ficado satisfeito ou acredite que possa vir a desabonar.
- Oferecer ao participante a opção de agendar o local e horário das entrevistas.

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.940.562

- Assegurar a realização dos procedimentos em espaço reservado, de modo a garantir a privacidade da pessoa.
- Lacrar os documentos nos quais constem os dados coletados em envelope ainda sob as vistas do participante.
- Facultar a obstenção de falar ou responder sobre o que não se sentir confortável.
- Assegurar discrição durante a observação de suas atividades.

**Benefícios:**

Contribuir para a eliminação ou diminuição de estigmas depreciatórios para com os membros da comunidade do Borel, e ao mesmo tempo, para o fortalecimento da identidade, da etnicidade, da fronteira e da pertença."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de Pesquisa, apresentado ao Programa de Pósgraduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A autorização para coleta de dados foi incluída nesta versão.

**Recomendações:**

Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A autorização para a coleta de dados do representante da comunidade do Borel foi anexada.

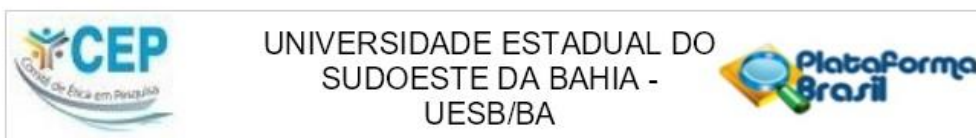
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião ordinária no dia 27/08/2021, por videoconferência autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB aprovou o parecer do relator.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	05/08/2021		Aceito

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.940.562

Básicas do Projeto	ETO_1729974.pdf	13:40:56		Aceito
Outros	Coleta_deDados.pdf	05/08/2021 13:34:06	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/08/2021 13:19:30	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.pdf	28/05/2021 17:44:40	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
Outros	Compromisso.pdf	28/05/2021 17:42:17	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
Outros	Imagem.pdf	28/05/2021 17:40:19	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista.pdf	28/05/2021 17:37:44	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	28/05/2021 17:21:02	ALESSANDRO DE JESUS SANTANA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JEQUIE, 30 de Agosto de 2021

---

**Assinado por:**  
**Cristiane Alves Paz de Carvalho**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

## APÊNDICE

## Apêndice 1- Entrevista Semiestruturada

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### ROTEIRO DA ENTREVISTA

**Idade do participante:** \_\_\_\_\_ **Gênero/Identificação:** \_\_\_\_\_.

#### Parte 1: Conhecendo o participante.

1. Nasceu da comunidade?
2. Você se considera branco, preto, pardo, amarelo ou indígena?
3. Já morou fora da comunidade? Se sim, quanto tempo?
4. Como foi educado pelos seus pais?
5. Tem esposa e filhos? Se tiver filho, educa da mesma forma que foi educado pelos seus pais?
6. Como você se descreve? Isto é, como você diria sobre você para alguém?
7. O seu comportamento na comunidade ou fora dela, seu jeito de agir e viver foi ensinado por alguém da família ou da comunidade?
8. Pratica alguma religião? Se sim, qual e através de quem passou a admirar?
9. Você fala ou ensina sobre a religião que pratica para alguém da família ou da comunidade? (observação: esta pergunta será feita se a anterior for afirmativa)

#### Parte 2: O participante e a comunidade do Borel.

10. Como é sua vida na comunidade?
11. Se viveu a infância aqui, como foi?
12. Quais foram as pessoas da família ou da comunidade que contribuíram para você se tornar a pessoa que é hoje? Por quê?
13. Você reconhece a comunidade do Borel como uma unidade que faz parte da sua história?
14. Em que se acha diferente dos outros membros da comunidade?
15. Existe algum evento, festivo, religioso, cultural ou esportivo na comunidade? Se sim, você participa? E se tem e participa, qual é a importância desse/s evento/s para você?

#### Parte 3: Relação com a zona urbana.

16. Costuma ir com frequência à cidade? Por que e para quê?
17. Há dificuldade de interagir com as pessoas da zona urbana? Se sim, quais?
18. Já sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por alguém da zona urbana? Já ouviu falar alguma coisa negativa sobre a comunidade do Borel, dita por pessoas na zona urbana? Se sim, isso te deixa chateado?

## SEQUÊNCIA DE IMAGENS

Fonte: Própria (2021).

Foto tirada próximo ao Borel



Subida a caminho da comunidade



Uma das cancelas da estrada em direção ao Borel



Comunidade entre a vegetação



Casa no Borel





Residências de duas famílias da comunidade



Pomar dos moradores



Imagem de Santo



Casa abandonada na comunidade



Cozinha de uma casa construída com barro e madeira



Ferradura cravada na porta de uma casa abandonada



Eu e uma moradora da comunidade



Eu e um morador da comunidade



Santos de devoção no interior de  
residência da comunidade



Interior de uma residência do Borel

